

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM  
ESTUDOS LINGUÍSTICOS

MAYRA MACHADO SILVA

**ATOS DE REFERENCIAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE  
SENTIDO EM PARÁBOLAS BÍBLICAS CONTADAS POR  
JESUS**

VITÓRIA  
2015

MAYRA MACHADO SILVA

**ATOS DE REFERENCIAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE  
SENTIDO EM PARÁBOLAS BÍBLICAS CONTADAS POR  
JESUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos. Linha de Pesquisa: Texto e Discurso.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria da Penha Pereira Lins

VITÓRIA  
2015

MAYRA MACHADO SILVA

**ATOS DE REFERENCIAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE  
SENTIDO EM PARÁBOLAS BÍBLICAS CONTADAS POR  
JESUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestrado em Linguística. Linha de pesquisa: Texto e Discurso.

Aprovada em 03 de agosto de 2015.

COMISSÃO EXAMINADORA

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria da Penha Pereira Lins (UFES)**  
Orientadora, Presidente da Sessão e da Comissão Examinadora

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Lucia Tinoco Cabral (UNICSUL)**  
Membro Titular Externo da Comissão Examinadora

---

**Prof. Dr. Rivaldo Capistrano de Souza Junior (UFES)**  
Membro Titular Interno da Comissão Examinadora

A Deus, energia superior que ilumina toda a minha caminhada. Seu fôlego de vida em mim me foi sustento e me deu coragem para questionar realidades e propor um novo mundo de possibilidades.

Aos meus pais e irmão que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Sinto-me grata à minha orientadora, Professora Doutora Maria da Penha Pereira Lins, pelo incentivo, pelos conselhos e pelas várias sugestões, que tornaram possível a concretização deste trabalho.

Sou grata pelo apoio financeiro concedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Desejo agradecer a cada um dos membros da banca por consentirem em participar e contribuir na minha pesquisa.

Estou consciente da preciosa colaboração do Professor Doutor Rivaldo Capistrano de Souza Junior ao repartir alguns momentos de diálogos sobre “Referenciação”.

Quero também deixar registrado meu agradecimento a todos meus ex-alunos que consentiram no meu afastamento para o mestrado.

Acima de todos os outros, agradeço a Deus (JESUS), razão de realização deste trabalho.

“É por isso que eu uso parábolas para falar com essas pessoas. Porque elas olham e não enxergam; escutam e não ouvem, nem entendem”.

(Mt. 13. 13)

## RESUMO

Inserido numa visão sociocognitiva e interacional do texto, atrelado também aos Estudos Pragmáticos, este trabalho tem como principal pressuposto ver a referencialização como atividade discursiva em textos bíblicos. Partindo dos estudos de Mondada & Dubois (2003), ao conceberem que os sujeitos constroem através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo; pretendemos analisar as principais estratégias linguísticas de progressão referencial, elementos cruciais na construção textual dos sentidos. Para tanto, o *corpus* deste trabalho se constitui de parábolas bíblicas, visto que o texto sagrado é um dos livros mais traduzidos, distribuídos e lidos até hoje, e sua linguagem metafórica e rebuscada atrai a atenção dos fiéis (COMFORT, 1998). Todavia, a complexidade do texto bíblico, em suas interpretações, direciona para uma visão imanente e ingênua do texto, não sendo considerados aspectos contextuais, característicos desse gênero. Desse modo, pretendemos também, a partir de um estudo sobre os atos de fala de Searle (1976), analisar como as escolhas referenciais influenciam na construção argumentativa de Cristo. Com isso, procuramos entender como locutor (Jesus) e interlocutores (ouvintes das parábolas) se entendem a partir do compartilhamento dos objetos de discurso. Entendemos que a comunicação não pode ser estudada de forma isolada, e em se tratando de parábolas bíblicas, procuramos observar toda a situação comunicativa em que foram realizadas.

**Palavras-chave:** Referencialização, parábolas bíblicas, atos de fala.

## RÉSUMÉ

Inséré dans une vision socio-cognitive et interactionnelle du texte, également liée à des Études Pragmatiques, ce travail a pour principale hypothèse voir référence comme une activité discursive des textes bibliques. Sur la base des études Mondada & Dubbois (2003), quand ils ont conçu que des sujets construisent à travers des pratiques discursives et cognitive sociale et culturelle situé, versions publiques du monde; nous avons l'intention d'analyser les principales stratégies linguistiques de progression référentielle, des éléments essentiels dans la construction textuelle des sens. Ainsi, le *corpus* de cette étude est composé de paraboles bibliques, puisque le texte sacré est l'un des livres plus traduits, distribués et lus jusqu'à aujourd'hui, et son langage fleuri et métaphorique attire l'attention des fidèles (COMFORT, 1998). Toutefois, la complexité du texte biblique, dans leurs interprétations, vous dirige vers un point de vue du texte immanent et naïf, pas considéré aspects caractéristiques contextuelles ce genre. Ainsi, nous voulons également, à partir d'une étude sur actes de la language Searle (1976), analyser comment les référentiels choix influencent la construction argumentative du Christ. Avec cela, nous cherchons à comprendre comment le locuteur (Jésus) et interlocuteurs (paraboles auditeurs) sont comprises dans le partage des objets de discours. Nous comprenons que la communication ne peut pas être étudié isolément, et dans le cas des paraboles bibliques, nous accordons une attention à tous la situation de communication dans laquelle ils ont été effectués.

**Mots- clé:** Référencement, paraboles bibliques, les actes de langage.



## TABELA DE ABREVIações DOS LIVROS BÍBLICOS

### **Antigo Testamento**

Gn. = Gênesis	Pv.= Provérbios
Ex.= Êxodo	Ec.= Eclesiastes
Lv.= Levítico	Ct. Cantares
Nm.= Números	Is.= Isaías
Dt.= Deuteronômio	Jr.= Jeremias
Js.= Josué	Lm.= Lamentações
Jz.= Juízes	Ez.= Ezequiel
Rt.= Rute	Dn.= Daniel
ISm.= Primeiro Livro de Samuel	Os.= Oséias
IISm.= Segundo Livro de Samuel	Jl.= Joel
IRs.= Primeiro Livro de Reis	Am. = Amós
IIRs.= Segundo Livro de Reis	Ob.= Obadias
ICr.= Primeiro Livro de Crônicas	Jn. = Jonas
IICr.= Segundo Livro de Crônicas	Mq.= Miquéias
Ed.= Esdras	Na.= Naum
Ne.= Neemias	Hc.= Habacuque
Et.= Éster	Sf.= Sofonias
Jó.= Jó	Ag.= Ageu
Jn.= Jonas	Zc.= Zacarias
Sl.= Salmos	MI.= Malaquias

## **Novo Testamento**

Mt.= Mateus

Mc.= Marcos

Lc.= Lucas

At.= Atos

Rm= Romanos

ICo.= Primeira Carta aos Coríntios

ICo.= Segunda Carta aos Coríntios

Gl.= Gálatas

Ef.= Efésios

Fp.= Filipenses

Cl.= Colossenses

ITs.= Primeira Carta aos Tessalonicenses

IITs. Segunda Carta aos Tessalonicenses

ITm.= Primeira Carta a Timóteo

IITm. Segunda Carta a Timóteo

Tt. = Tito

Fm.= Filemon

Hb.= Hebreus

Tg. Tiago

IPe. = Primeira Carta de Pedro

IIPe. = Segunda Carta de Pedro

IJo.= Primeira Carta de João

IIJo.= Segunda Carta de João

IIIJo.= Terceira Carta de João

Jd.= Judas

Ap.=Apocalipse

## Sumário

CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	15
1. REFERÊNCIA E REFERENCIAÇÃO.....	21
1.1. A questão tradicional da referência.....	21
1.2. Um contorno na questão do referente.....	24
1.3. Referenciação e a construção de objeto de discurso.....	26
1.4. Estratégias de referenciação.....	28
2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE PRAGMÁTICA.....	31
2.1. Os Atos de fala ilocucionários.....	33
3. O GÊNERO PARÁBOLAS BÍBLICAS.....	38
3.1. Questões sobre os gêneros.....	38
3.2. O gênero parábola.....	39
3.3. A dimensão da oralidade e escrita no gênero.....	40
3.4. O gênero parábola como narrativa exemplar.....	41
4. METODOLOGIA E NATUREZA DO CORPUS.....	47
4.1. Procedimentos metodológicos.....	47
4.2. Natureza do corpus.....	56
5. REFERENCIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM PARÁBOLAS.....	51
5.1. Progressão referencial.....	51
5.1.2. Progressão referencial pelo uso de pronomes.....	52
5.1.3. Progressão referencial pelo uso de expressões nominais definidas.....	54
5.1.4. Progressão referencial pelo uso das expressões nominais indefinidas.....	58
5.2. Continuidade referencial: a anaforização.....	60
5.2.1. As anáforas indiretas.....	61
5.2.1.1. As anáforas associativas com relações léxico-esteriotípicas.....	62
5.2.1.2. As anáforas não associativas.....	63
5.3. Dêiticos.....	65
5.4. Funções de Expressões Nominais Referenciais.....	69

6. A REFERENCIAÇÃO E SUAS FUNÇÕES EM PARÁBOLAS BÍBLICAS.....	72
6.1. As expressões referenciais na argumentação em parábolas.....	72
6.1. 2. A categorização/recategorização dos objetos-de-discurso.....	61
6. 2. Parábolas com função predicativa: o ensino por meio de ilustração.....	80
6.3. Parábolas com função metafórica: a exortação por analogias.....	81
6.4. Parábolas com função metadiscursiva: as relações de poder na atividade.....	83
6.5. Parábolas com função metonímica: os juízos de valor por meio das analogias.....	86
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
8. REFERÊNCIAS.....	92
9.ANEXOS.....	95

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É por isso que eu uso parábolas para falar com essas pessoas. Porque elas olham e não enxergam; escutam e não ouvem, nem entendem.

(Mt. 13:13)

Dizem os antigos que, quando escrevemos, dizemos do mundo que compreendemos. Mas será que o mundo compreendido por mim é o mesmo compreendido por você? Ou será que o mundo compreendido por nós é o mundo entendido como “real”? E se descobirmos que esse mundo “real” não passa simplesmente de um mundo feito de palavras? Ou será que são as palavras que fazem o mundo?

As reflexões acima expostas não são para conduzi-lo à loucura. Nossa intenção é mostrar que, ainda bem, outros já encontraram respostas para esses questionamentos. Saber como referimos o mundo através da língua é um problema antigo que ocupou, por um longo tempo, a mente dos filósofos da linguagem e dos lógicos antes mesmo de ser interessante aos linguistas (CAVALCANTE, 2011).

Segundo Marcuschi (2004) o problema está na própria expressão “*referir o mundo*”, pois, desta forma, pensa-se na língua como algo pronto, acabado, como um instrumento *a priori* para representar as coisas do mundo. Essa visão instrumental da linguagem foi base de reflexão para muitos pensadores como Platão, Aristóteles, os estóicos do século I a.C. que concebiam a referência como “uma relação entre as palavras isoladas e os objetos do mundo real que elas podiam etiquetar” (CAVALCANTE, 2011, p. 20). Esse percurso histórico - conceitual da referência será mais bem explorado no capítulo I. Nele apresentamos, brevemente, algumas postulações dos diferentes pensadores que trataram essa questão linguagem/mundo, até mesmo porque, segundo Marcuschi (2004), para resolver essa questão gastaram-se 2.500 anos.

Deste modo, o interesse maior dessa pesquisa é a **referenciação**, tema central nos estudos da Linguística Textual atual, pois traz em seu escopo teórico contribuições para o entendimento dos mecanismos de produção e compreensão de textos.

Estudiosos como Mondada e Dubois (2003) estabeleceram a diferença no uso dos termos **referência** e **referenciação**. Com o advento dos estudos linguísticos de teor sociocognitivo e interacional, deixou-se de se conceber a terminologia **referência** – visão tradicional que vê a linguagem como um reflexo entre as palavras e as coisas do mundo –; passando-se a conceber o termo **referenciação**, designando uma visão em que a língua e a realidade são instâncias instáveis, logo, as categorias não estabelecem uma perfeita correspondência com os objetos do mundo, mas são construídas discursivamente nas atividades de linguagem (MONDADA E DUBOIS, 2003).

Dentro desse contexto, acrescentamos a assertiva de Koch e Marcuschi (1998, p. 169 e 170) ao argumentarem que:

a discursivização ou textualização do mundo por meio da linguagem é um processo de (re)construção do próprio real, onde os objetos de discurso não se confundem com a realidade extralinguística, mas reconstroem-na no próprio processo de interação: a realidade é construída, mantida e alterada não apenas pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como sociocognitivamente, interagimos com ele.

A partir dessa perspectiva teórica e nela inspirada, apresentamos o ponto de partida desse estudo, o *corpus*, constituído de parábolas bíblicas.

As parábolas, especificamente as ditas por Jesus, foram entendidas por nós como um gênero, dentre os vários existentes na Bíblia, caracterizado por peças discursivas por meio das quais Jesus ensinava princípios morais e bíblicos a seus seguidores. Essas narrativas têm como característica predominante a construção argumentativa por meio da analogia. São apresentadas na Bíblia, no Novo Testamento, nos livros de Mateus, Marcos, Lucas e João, discípulos de Cristo, livros utilizados na análise. Ressaltamos nossa escolha pela versão NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje – na qual o sentido dos textos originais hebraico, aramaico e grego, é traduzido para o português falado no Brasil, expressando uma linguagem simples e natural, facilitando a leitura e compreensão dos textos bíblicos.

Para nós, esses textos contêm objetos de discurso cujas referenciações apontam e/ou mostram construções argumentativas utilizadas por Cristo para alcançar e ensinar os princípios cristãos a seu público. Por isso, esta pesquisa tem como objetivo principal:

- 1) Analisar a progressão referencial;

- 2) Averiguar a orientação argumentativa que as formas nominais referenciais imprimem nas parábolas.

Para tanto, partimos da hipótese que busca entender como a relação do sujeito com as instâncias que povoam seu discurso pode ser detectada a partir dos objetos de discurso.

Para encontrarmos a resposta, traçamos como objetivos específicos:

- a) Compreender as estratégias de referenciação na construção e reconstrução dos objetos de discurso no modelo textual;
- b) Conceber as parábolas bíblicas como um processamento discursivo realizado por Cristo, feito de forma estratégica, cuja argumentação pode ser identificada na escolha e no compartilhamento dos objetos de discurso que compõem o texto e aparecem em diferentes funções.
- c) Observar na interface Pragmática e Referenciação os atos de fala e o contexto em que eles acontecem como um fator colaborativo na identificação dos referentes.

Com essa perspectiva, esta pesquisa mostra-se relevante, em primeiro lugar, por realizar uma investigação da linguagem tendo como um *corpus* textos da Bíblia, um dos livros mais lidos e de grande influência social, cultural e histórica no mundo até os dias de hoje. Constatamos que esse tipo de *corpus* ainda não foi suficientemente explorado no contexto linguístico. Em contrapartida, há um volume grande de estudos nos âmbitos teológico, filosófico e literário. Talvez, esta pesquisa possa, mesmo que indiretamente, contribuir com esses outros campos do saber.

Secundariamente, este trabalho, ao conceber uma visão não referencial da língua e da linguagem, tendo como pressuposto teórico os fundamentos da Linguística Textual, e seguindo uma orientação sociocognitiva e interacional do texto; ressalta a importância da referenciação vista como uma atividade discursiva realizada por sujeitos sociais atuantes (MONDADA E DUBOIS, 2003). As formas de referenciação, bem como os processos de remissão textual que se realizam por meio delas, constituem escolhas do sujeito em função de um querer-dizer (KOCH, 2009 ).

E, para demonstrarmos como essas escolhas de referentes influenciam na construção argumentativa de Cristo por meio das funções referenciais, realizamos,

em interface com a Pragmática, um estudo sobre **os atos de fala** de Searle (1976). Através desse estudo procuramos de fato perceber como locutor (Jesus) e interlocutores (discípulos, seguidores de Cristo) se entendem a partir do compartilhamento dos objetos de discurso. Concordamos com a premissa de J. Gumperz e J. Cook- Gumperz (apud MARCUSCHI, 2001, p. 50) de que:

a interação verbal é uma atividade cooperativa que requer uma coordenação ativa dos atos por parte de dois ou mais participantes e que tudo o que é realizado, tudo o que é interpretado e toda a informação atingida não é inerente aos signos verbais ou não- verbais como tal, mas deve emergir dessas trocas comunicativas sequencialmente organizadas.

Sendo assim, a comunicação não pode ser estudada de forma isolada, e em se tratando das parábolas, os referentes que nelas aparecem categorizados e recategorizados, só adquirem sentido na observância do contexto, de toda a situação comunicativa em que foram realizados.

Para efeito de organização, dividimos o trabalho em duas partes: a primeira parte é mais teórica, ainda que em certos momentos já sejam apresentadas algumas análises, mas com fim puramente metodológico e explicativo; a segunda parte ficou reservada às análises e conclusões.

O primeiro capítulo realiza uma discussão teórica sobre a tradição referencial e o processo de referenciação, assunto que já adiantamos nesta introdução. Neste, fizemos uma discussão inicial sobre as estratégias de referenciação, pois optamos por fazer uma discussão mais categórica dessas estratégias referenciais, quando tratamos de Progressão referencial no capítulo 5 (Referenciação e construção de sentidos em parábolas bíblicas), já que tal assunto é o mote desta pesquisa e muito contribuiu para nossas análises.

No segundo capítulo versamos brevemente sobre a Pragmática e sua relação colaborativa com a Referenciação. No terceiro capítulo apresentamos um estudo específico sobre as parábolas, buscando verificar elementos que caracterizam este gênero.

Feitos os apontamentos teóricos, finalizamos apresentando respectivamente a metodologia de pesquisa e os resultados em forma de análise. Ressaltamos que nos capítulos de análise, ora utilizamos dados nosso, ora utilizamos exemplos dos autores citados. Isso deve-se ao fator de que, em determinados casos, queremos mostrar que alguns dos exemplos dos textos teóricos motivadores não foram



consubstanciais para nossa análise, visto que uma boa parte desses exemplos é oriunda de gêneros midiáticos. Dessa forma, quando conveniente, retratamos dois exemplos a fim de estabelecermos um paralelo entre os diferentes gêneros, que, por sua vez, marcam também diferentes contextos: contemporâneo e arcaico.

Terminamos essa parte introdutória recapitulando as reflexões iniciais sobre a relação mundo/realidade, com uma citação de Marcuschi e Koch (apud KOCH, 2005, p. 80-81), vendo ser esta uma resposta plausível a essa questão icônica nos estudos sobre a referenciação:

Isto não significa negar a existência da realidade extra-mente, nem estabelecer a subjetividade como parâmetro do real. Nosso cérebro não opera como um sistema fotográfico do mundo, nem como um sistema de espelhamento, ou seja, nossa maneira de ver e dizer o real não coincide com o real. Ele reelabora os dados sensoriais para fins de apreensão e compreensão. E essa reelaboração se dá essencialmente no discurso.

Salientamos que esta pesquisa configura-se em um estudo de caso, portanto, não pretendemos esgotar aqui o assunto, pois esperamos estar contribuindo para ampliação dos estudos sobre referenciação.

**PARTE I**

**OS APONTAMENTOS**

**TEÓRICOS**

# 1. REFERÊNCIA E REFERENCIAÇÃO

Nosso principal pressuposto no que diz respeito a essa questão é o da referenciação como atividade discursiva (KOCH, 2009, p. 53)

Como vimos nas “Considerações Iniciais”, saber como referimos o mundo com a língua é uma das questões mais antigas que se tornou preocupação da Filosofia da Linguagem, da Lógica e da Linguística. Agora, veremos, neste primeiro capítulo, a questão da **referência** posta como um problema de representação do mundo.

## 1.1. A questão tradicional do referente

Cavalcante (2011, p. 20) no livro “*Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*” ressalta que “[...] através da busca de explicação do real, ou das coisas do mundo, e de sua linguagem, logo se polarizaram duas vertentes: uma influenciada pelos pensamentos dos sofistas, mais *relativista*; outra mais *essencialista*, defendida por Platão e Aristóteles”.

Em um estudo sobre a experiência da linguagem nas primeiras reflexões teóricas, Neves (2005) explica que os sofistas, homens portadores de uma eloquência incomum, se propunham a ensinar aos cidadãos o ensino da arte política. Nessa tarefa, eram incluídas regras de conduta prática, que ensinariam o homem vencer em todas as discussões, a ter sempre razão em todas as questões.

Dentre os principais sofistas gregos, pode-se dizer que se destacaram as ideias de Protágoras (480-411) e Górgias (483- 375?). Apesar das diferentes postulações filosóficas, eles tinham como características em comum o relativismo e a concepção de linguagem. O relativismo era aplicado em quase todas as áreas, como a moral, a religião e a política. Tinha como princípio fundamental a negação da existência da verdade, ou a possibilidade de se ter acesso a ela. A linguagem era vista como algo autônomo, era apenas um elemento de ação persuasiva utilizado na tarefa de ensinar; “não conduz a nada fora de si e não é o lugar das relações significativas (NEVES, 2005, p. 44).

Protágoras traz como reflexão da linguagem a **subjetividade arbitrária**, ao afirmar que “[...] quais as coisas me parecem ser, tais elas me são, quais elas te parecem ser, tais elas te são” (NEVES, 2005, p. 37), assim demonstra que a denominação das coisas é algo subjetivo, arbitrário. Para ele o mundo fenomenológico existe de acordo com a percepção humana. Assim, o que existe, na verdade, são valores subjetivos.

Górgias argumenta sobre a incomunicabilidade do discurso, a linguagem se forma a partir das nossas impressões exteriores, ou seja, a partir dos objetos sensíveis: “[...] o encontro com o sabor resulta o discurso relativo a essa qualidade, o encontro com a cor resulta o discurso relativo à cor, não é a linguagem que traduz o que está fora de nós, mas é o que está fora de nós que se torna revelador do discurso” (GÓRGIAS apud. NEVES, 2005, p. 38). Dessa forma, o discurso era visto como sendo uma realidade sensível, incomunicável, que só adquiria sentido quando o ouvinte o retomava como experiência própria, e a linguagem era apenas o instrumento pelo qual se exerciam a sugestão e a persuasão.

Dentre as investigações sofísticas sobre a linguagem, também julgamos importante ressaltar, as postulações sobre “*a justeza dos nomes*”. A partir dessas investigações que se concebeu o desenvolvimento de duas teses opostas: a “*naturalista*” e a “*convencionalista*”, caracterizadas também como *nomos* e *physis*.

A tese naturalista prevê uma correção (adaptação) natural dos nomes para tudo que existe; já para a convencionalista a relação que existe entre um nome e uma coisa é uma relação convencional, sendo que, desta forma, o discurso não revela as coisas.

Basicamente, o que deve ficar claro é que para “[...] os naturalistas o nome é justo porque é natural; e para os convencionalistas o uso do nome é que leva a consideração de sua justeza” (NEVES, 2005, p. 44). A importância dessa dicotomia natural/convencional deve-se ao fator de esta pôr em risco a ideia de unidade entre o real e a linguagem. Entretanto, esta separação só será efetivada na filosofia posterior, haja vista Platão e Aristóteles.

Insurgindo contra a sofística, Platão abre um novo caminho nas investigações sobre a linguagem. Apresentadas, especialmente, em “*Crátilo*” e “*Sofista*” (obras que marcaram fundamentalmente as reflexões sobre a linguagem), Platão opõe a ideia retórica dos sofistas “a linguagem só conduz a si mesma, e, assim, basta falar para dizer a verdade” (NEVES, 2005, p. 47). Para Platão a linguagem conduz a alguma

coisa a não ser ela mesma, e, portanto, o discurso pode dizer ou não a verdade. Preconiza-se um uso dialético do discurso, onde se examina a adequação do que se diz com a coisa dita.

Não foi de interesse para Platão prolongar a problemática natural/convencional dos sofistas. Segundo ele, tal controvérsia não levava ao conhecimento. O que importava ver na relação entre realidade e linguagem era a função exercida pela linguagem através da dissociação entre nome e coisa.

A função da linguagem seria a de “descrever e representar o real, informar sobre a essência das coisas num plano virtual das ideias” (MARTINS, apud CAVALCANTE, 2011, p. 24).

Essa visão *essencialista* de Platão serviu de ponto de partida para as investigações de Aristóteles, que:

- a. transfere a problemática da *physis* e da *nomos* da linguagem para o campo da estrutura lógica e da finalidade dos nomes.
- b. distingue 3 níveis, na relação entre nomes e coisas:
  1. uma distinção puramente linguística entre *som* – *significado* ou *forma verbal*- *conteúdo da palavra*;
  2. as relações ontológicas: nome – objeto; palavra – realidade; relação que surge pela designação dos objetos com as palavras;
  3. [...] Distingue, portanto, a relação entre um nome e uma coisa que é representada pelo nome e distingue também pelo nome da coisa e o que é dito dessa coisa (MARCUSCHI, 2004, p. 266).

Podemos ver nesses apontamentos de Aristóteles a ideia de que a linguagem reflete, de certa forma, a organização interna do pensamento humano. Isso decorre numa determinação lógica da linguagem.

Aristóteles partiu dos ensinamentos de Platão, e, também, concebeu a linguagem como uma função representativa das coisas. Contudo, entre eles houve uma divergência básica:

[...] As palavras teriam para ele, assim como para Platão, o propósito fundamental de representar objetivamente *nominata* extralinguísticos – essências universais e autônomas. A divergência básica entre os dois pensadores estaria no *locus* dessas essências: na alma, para Aristóteles; no real, para Platão (MARTINS, apud CAVALCANTE, 2011, p. 25).

Em suma, chegamos à conclusão de que, dentre as duas visões polarizadas no estudo sobre a linguagem, a orientação *relativista* dos sofistas, que via a linguagem como um aparato retórico, mas que os sentidos decorriam da observância da subjetividade, dos propósitos enunciativos e das experiências de quem os diz (CAVALCANTE, 2011); está mais próxima da perspectiva inerente ao contexto atual dos estudos da Linguística Textual. Mondada e Dubois (2003) irão

postular que entre as palavras e as coisas existe uma instabilidade, e, então, deve-se mudar a forma de se contemplar essa questão da linguagem, deixando-se de lado essa ideia de relação (orientação *essencialista*); passando-se para a de *ação*, pois a referenciação é uma atividade discursiva que implica uma visão não referencial da língua e da linguagem (KOCH, 2009).

A seguir discutiremos como a *referenciação* entra em cena no contexto linguístico.

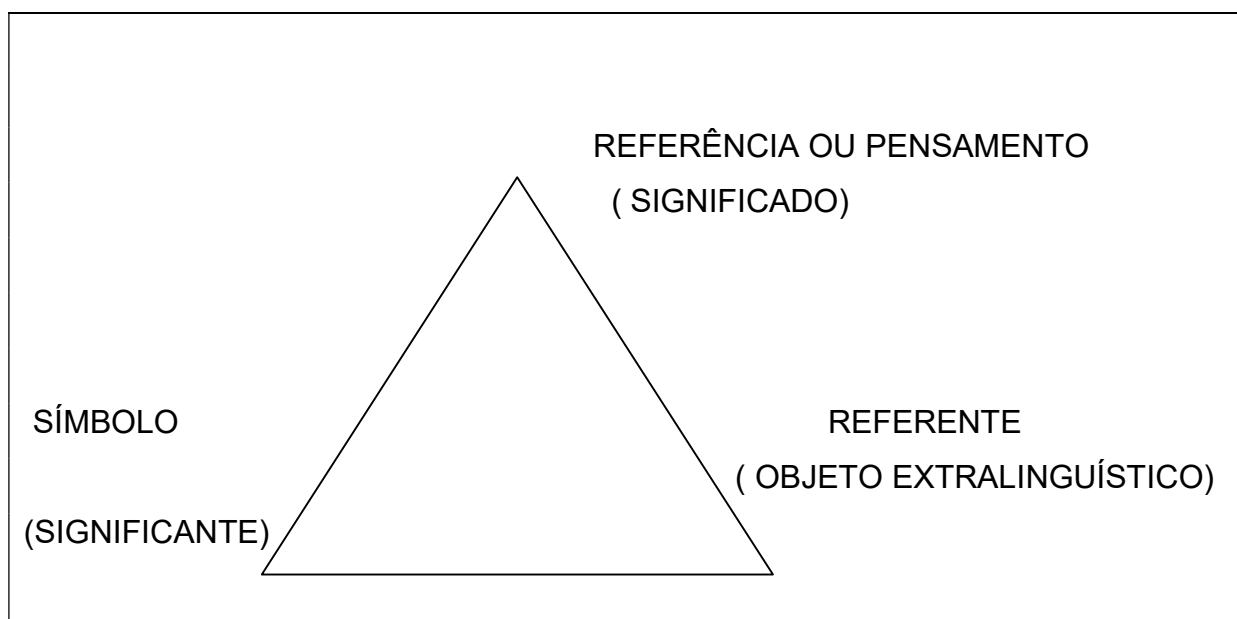
## 1.2. Um contorno na questão do referente

Blinkstein (1995), em sua obra *Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade*, aborda questões epistemológicas centradas na relação entre linguagem e conhecimento da realidade. Uma dessas questões é tema primordial para discussões de filósofos, logicistas, semanticistas, linguistas, entre outros estudiosos, pois se relaciona a “significação e a linguagem”. Essa obra de Blinkstein apresenta algumas indagações que serão de extremo interesse para os Estudos da Linguística Textual:

[...] até que ponto o universo dos signos lingüísticos coincide com a realidade "extralingüística"? Como é possível conhecer tal realidade por meio de signos lingüísticos? Qual o alcance da língua sobre o pensamento e a cognição? (BLINKSTEIN, 1995, p. 17) .

Pontuando as diferentes formulações do signo, ao longo dos tempos, como a *agostiniana*, na qual o signo é visto como algo que substitui ou representa as coisas; a *peirceana*, que concebe como característica básica do signo representar as coisas ou objetos; a *saussureana* que prevê o signo não apenas como uma ligação entre o ser e o nome, mas um conceito e uma imagem acústica, um significado e um significante (BLINKSTEIN, 1995, p. 19 - 20); o autor demonstra que tais teorias não consideraram o referente como captura da realidade extralingüística. Tal postura decorreu no descarte do referente na linguística e na semiologia (BLINKSTEIN, 1995, p. 24). Em contrapartida, Blinkstein postula que o fato de o referente ser extralingüístico não implica que este deva ser relegado pela linguística ou semiologia, pois ele situa-se atrás ou antes da linguagem, como um evento cognitivo, sendo fabricado na nossa percepção (apud, KOCH, 2009).

Segundo o autor, outras teorias excluíram o referente do significado linguístico, para exemplificar ele cita o famoso modelo triangular de significação linguística de Ogden e Richards:



Quadro. Triângulo de Ogden e Richards (BLINKSTEIN, 1995, p. 24)

Podemos perceber que os autores até conceberam a figura do referente (a coisa extralinguística) no seu triângulo, que teve base nos modelos triádicos antigos como o dos estoicos, o de Santo Agostinho, o dos escolásticos e dos lógicos de Port Royal, diferenciando-o da referência (significado linguístico); mas essa inclusão do referente não implicou uma captura da realidade extralinguística, pelo contrário, essa foi mais uma vez descartada.

Esse triângulo será citado, criticado, reproduzido, e até mesmo desfigurado, nos diferentes aparelhos teóricos da linguística e da semiologia (como exemplos ele cita Ullmann, Baldinger, Heger, Eco), e, ainda assim, os estudiosos não conseguem transpor as fronteiras dessa relação triádica, nem definir os contornos do referente (BLINKSTEIN, 1995, p. 26).

Inconformado com esses posicionamentos teóricos, o professor Blinkstein aos poucos, no decorrer de sua análise, mostra que a experiência perceptiva deve ser incluída na significação linguística, já que esta é tributária do referente:

[...] Qualquer que seja o nome de tal 'produto', seja *referente*, *objeto mental* ou *unidade cultural*, fica reconhecida a necessidade do recurso a uma dimensão anterior à própria experiência verbal para a detecção da gênese do significado. Tal dimensão [...], é a percepção-cognição, onde justamente se fabricam referentes/ objetos mentais/ unidades culturais;

estes é que, embora desprovidos de um estatuto linguístico propriamente dito, condicionarão o evento semântico (BLINKSTEIN, 1995, p. 39).

Ingedore Koch (2009), ao resenhar os estudos de Blinkstein, argumenta que ele, a partir dos apontamentos de Greimas, (1966) e Coseriu, (1977), define que a realidade se transforma em referente por meio da percepção/cognição, (segundo Greimas) ou por meio da interpretação humana (segundo Coseriu). Assim o referente deve ser obrigatoriamente considerado na relação triádica. E ao argumentar também sobre a afirmação de Saussure (1975): “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (apud, BLINKSTEIN, 1995, p. 23), Blinkstein explica que é na *práxis* ou *prática social* que o referente será fabricado.

Portanto, a argumentação de Blinkstein remonta a um ponto muito importante para os estudos linguísticos: a questão de um referente *fabricado* pela percepção social. Estudiosos como Mondada & Dubois (2003) e Aphotéloz & Reichler – Béguelin (1995) aprofundaram os estudos nesse sentido, concebendo uma representação do referente que não preexiste naturalmente no mundo, mas que será construído nas atividades cognitivas e interativas dos falantes (APOTHÉLOZ & REICHLER –BÉGUELIN, 1995).

### 1.3. Referenciação e construção de objeto de discurso

Adotando a mesma proposta epistemológica de Blinkstein (1995) como acima exposta, Mondada e Dubois, em seus estudos sobre a instabilidade das relações entre as palavras e as coisas, propuseram uma diferença no uso dos termos **referência** por **referenciação** (KOCH, 2009, p. 54).

Através dessa proposta, eles estabeleceram um contorno na visão tradicional do referente que concebia a linguagem como uma representação direta da realidade, como um reflexo entre as palavras e as coisas existentes no mundo. Com o advento dos estudos linguísticos de teor sociocognitivo e interacional, passou-se a conceber o termo **referenciação** designando uma visão não referencial da língua e da linguagem. Para uma melhor compreensão de como decorreu essa mudança,



apresentamos abaixo um comentário de Marcuschi (2004, p. 267) a respeito da referência:

Em consequência dessa instabilidade e variabilidade, o mundo não é um grande supermercado com gôndolas universais divinamente mobiliadas, restando aos humanos nomearem esse mobiliário para uso coletivo. A contribuição histórica dos humanos para a configuração dessas gôndolas é imensa e não desprezível, mas ao mesmo tempo tão instável e variada que desnorreia. Ao lado disso, a linguagem também não é um instrumento transparente, preciso e claro capaz de etiquetar de forma universalmente igual cada elemento desse suposto mobiliário. Portanto não há uma relação direta entre linguagem e mundo [...].

Marcuschi, assim, concorda com Mondada e Dubois ao afirmarem que “não existe uma estabilidade *a priori* das entidades no mundo e na língua” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 19), isso porque as categorias linguísticas e cognitivas são instáveis. É a partir do ponto de vista dos interlocutores que os objetos do mundo, os referentes, serão construídos em um processo de referência. Marcuschi exemplifica isso dizendo que “[...] para alguns Tiradentes é um traidor e para outros, um herói”. Segundo ele, tal assertiva irá depender do período histórico ou da posição ideológica dos enunciadores (MARCUSCHI, 2004, p. 269).

Assim, o que deve ficar claro, é que a visão tradicional da referência, como “representação extensional de referentes do mundo extramental” (KOCH, 2005, p. 79), é deixada de lado, passando-se a conceber uma perspectiva na qual a **linguagem** é vista como uma atividade interativa e sociocognitiva; e **referência** é “uma operação efetuada pelos sujeitos sociais à medida que o discurso se desenvolve” (KOCH, 2009, p. 53-54). E será no interior dessas operações de referência que os interlocutores elaborarão os objetos de discurso. Segundo Mondada “[...] **objetos de discurso**, i.e., entidades que não são concebidas como expressões referenciais em relação especular com objetos do mundo ou com sua representação cognitiva, mas entidades que são interativamente e discursivamente produzidas pelos participantes no fio de sua enunciação” (apud KOCH, 2003, p. 34).

Para Apothéloz & Reichler – Béguelin os objetos de discurso não são referentes que designam “coisas” no mundo, mas, estes podem evoluir segundo as informações incluídas no saber compartilhado dos interlocutores entre si (1995, p. 227). Dessa forma, podemos entender, conforme o estudo desses autores, que os objetos de discurso não são rótulos para designar as coisas do mundo, mas são referentes que serão reconstruídos no próprio processo de interação discursiva.

É dentro desse contexto que pesquisadores brasileiros como Koch (1998, 2005, 2009); Marcuschi (2001 e 2004); Cavalcante (2003 e 2011), entre outros veem na referenciação um objeto de estudo para tratar de questões diretamente relacionadas com os processos de categorização e recategorização que se realizam por meio de formas nominais; é, na concordância a esse posicionamento teórico, que nosso trabalho foi desenvolvido.

Apoiando-nos nos autores supracitados, defendemos, aqui, que o sujeito realiza, por meio de formas de referenciação ou processo de remissão textual, escolhas em função de um querer-dizer (KOCH, 2005). Logo, não será de nosso interesse apenas identificar e/ou interpretar uma expressão referencial, concebendo-a como um mero elemento coesivo no interior do texto; para nós, as estratégias de construção referencial apontam para “algum tipo de informação alocada na memória discursiva” (KOCH, 2005, p. 35), e, portanto, apontam para uma orientação argumentativa que o sujeito produziu num determinado contexto de enunciação.

A partir dos aspectos conceituais sobre a referenciação e os objetos de discurso feitos até aqui, assinalamos que no próximo tópico tratamos das estratégias de referenciação constituídas na memória discursiva, e que, somente no capítulo de análise demos continuidade a essa discussão observando: a progressão referencial, o fenômeno da anaforização, os dêiticos e as funções nominais referenciais a fim de delimitarmos nossa pesquisa dentro da temática sobre referenciação.

Ressaltamos que, quando tratamos sobre os dêiticos sociais, fizemos um recorte específico desta classificação, de forma a demonstrar a sua importância para entendermos um determinado contexto da parábola. Logo, não foi de nosso interesse ampliar a investigação sobre os dêiticos sociais de forma que contemplasse a polidez, como os estudos nesse âmbito sugerem.

Também salientamos que, ao estipularmos algumas estratégias básicas de referenciação dentre a ampla classificação existente nos estudos sobre o texto; assim o fizemos, conforme a importância que determinadas funções referenciais representaram para a nossa análise.

#### **1.4. Estratégias de referenciação**

Na construção de um modelo textual, quando criado um objeto de discurso, estarão envolvidas algumas operações básicas no processo de referenciação:

1. Construção/ativação: pela qual um “objeto” textual até então não mencionado é introduzido, passando a preencher um nóculo ( “endereço” cognitivo, locação) na rede conceitual do modelo de mundo textual: a expressão linguística que o representa é posta em foco na memória de trabalho, de tal forma que esse “objeto” fica saliente no modelo.
2. Reconstrução/reativação: um nóculo já presente na memória discursiva é reintroduzido na memória operacional, por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto-de-discurso permanece saliente ( o nóculo continua em foco).
3. Desfocalização/desativação: ocorre quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, passando a ocupar a posição focal. O objeto retirado de foco, contudo, permanece em estado de ativação parcial (*stand by*), podendo voltar à posição focal a qualquer momento; ou seja, ele continua disponível para utilização imediata na memória dos interlocutores (KOCH, 2009, p. 62).

Schwarz (apud KOCH, 2005) caracteriza tais processos como uma repetição cíclica de procedimentos, no qual por um lado estabiliza-se o modelo textual; por outro lado, tal modelo é continuamente elaborado e modificado por meio de novas referências.

Retomando o processo de ativação (a introdução de referente discursivo), acrescentamos, segundo Prince (apud KOCH, 2005), que estes podem ocorrer nas formas: 1) **ancorada**, quando a introdução de um objeto de discurso “novo” na memória é feita sem qualquer apoio (âncora) no texto; como exemplos, podemos citar as anáforas indiretas e associativas, as expressões anafóricas que permitem a criação de novos objetos de discurso através da sumarização/encapsulamento de segmentos textuais; 2) **não ancorada**, quando um objeto de discurso, também novo, é introduzido, entretanto, este objeto pode ser associado a âncoras presentes no texto, com base nas quais poderá ser interpretado.

Para Koch (2005) esses processos serão responsáveis pela progressão referencial do texto, uma vez que eles mantêm em foco no modelo textual, objetos de discurso previamente introduzidos, dando origem a cadeias referenciais.

A **progressão referencial** será explicada no capítulo 5, mas queremos destacar, ainda, nesse contexto de cadeias referenciais, as categorias: **referir**, **remeter** e **retomar**.

Segundo as postulações de Koch e Marcuschi (1998, apud KOCH, 2005), tais categorias, frequentemente, são vistas como idênticas, sendo os três termos, muitas vezes, vistos como sinônimos. Tal comparação configura-se errada já que é possível estabelecer uma relação hierárquica entre elas.

Os autores assumem que **referir** é uma atividade de designação. Esta é realizada por meio da língua, e não, necessariamente, implica uma relação direta língua-mundo. **Remeter** é uma atividade de processamento indicial na

contextualidade, neste caso, o movimento textual se dá por relações não correferenciais. Por último, a **remissão** a antecedentes textuais acontece por meio de outras formas nominais que designarão esse antecedente. Por isso, o fato de progredir mediante a atividade de **remeter**, não implica uma **retomada**. Até mesmo porque, **retomar** é uma atividade de continuidade de um núcleo referencial, implicando assim, algum tipo de relação direta por meio de identidade material (caso da correferenciação) ou da não identidade material (caso da associação) (KOCH, 2005).

Sucintamente, os linguistas caracterizam a relação entre essas categorias da seguinte forma:

- a retomada implica remissão e referenciação;
- a remissão implica referenciação e não necessariamente retomada;
- a referenciação não implica remissão pontualizada nem retomada.(KOCH & MARCUSCHI apud, KCOCH, 2005, p. 84).

Entendida esta parte, vejamos agora uma breve consideração sobre os estudos pragmáticos e sua relação com os estudos referenciais.

## 2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRAGMÁTICA

Para se entender, então, o significado que o falante quer dar a sua mensagem, deixa-se de lado o estudo sobre uso da língua do ponto de vista dos recursos puramente estruturais efetivados pela linguística tradicional, e adentrando-se aos estudos que vão deter suas observações no uso da língua condicionado pelas diversas situações sociais.

( LINS & GONÇALVES, 2012, p.35)

Diferenciando-se da semântica e da sintaxe com o intuito de propor um novo olhar sobre a língua, a **Pragmática** é definida, inicialmente, como “*o estudo da língua em contexto*”(KOCH, 1996), pois se situa nos estudos da linguagem levando em conta além da situação comunicativa propriamente dita; considerando também os usuários da língua, seus propósitos, convicções, crenças e as ações linguísticas que realizam no meio da linguagem. Dessa forma, a pragmática assume como tarefa “observar as condições de uso da língua em situações reais de comunicação” (WILSON, 2009, p. 88).

Como o contexto e o usuário eram, até então, componentes primordiais na construção de sentido para alguns filósofos, a Pragmática surge, inicialmente, no seio da Filosofia da Linguagem, e posteriormente, se torna objeto de interesse dos linguistas, quando passaram a investigar como a linguagem pode dizer mais do que diz através de uma estrutura linguístico-discursiva (GUIMARÃES, 1983).

Segundo Paveau & Sarfati (2006) a emergência e a constituição do domínio pragmático foram imputados a uma situação de crise da filosofia, ocorrida no final do século XIX, quando as diferentes correntes de pensamento voltaram-se radicalmente à questão da linguagem, passando a observá-la como condição *sine qua non* de toda atividade racional.

Essa crise da racionalidade teve como efeito tornar os teóricos sensíveis ao parâmetro da linguagem, pois superam-se os estudos centrados na (*langue*) vista apenas como um objeto autônomo, passando-se a conceber a competência comunicativa (*parole*), ou seja, importa agora observar os usuários (interlocutores) e o contexto dos quais as práticas discursivas ocorrem.

Os estudos pragmáticos são amplos e diversificados, e não queremos neste espaço precisar todas as teorias que tomam a Pragmática como objeto de

investigação, todavia vale ressaltar as seguintes vertentes: (1) a pragmática indicial, nesta destacam-se os estudos de Bar-Hillel (1954), Stalnaker (1972) e os linguistas Jakobson (1963) e Benveniste (1966). Essa vertente é tradicionalmente conhecida como objeto da semântica, pois pesquisa o usuário subordinado ao problema da referência; (2) vertente pragmática que focaliza o usuário da linguagem e o uso que este faz da linguagem, esta tem como representante principal Morris (1976); (3) a pragmática semiótica originária dos estudos de Pierce, seu pragmatismo é caracterizado pela concepção de signo, o que ele representa e para quem representa algo; (4) a pragmática que integra a filosofia e a linguística, que têm como principal objeto de investigação o uso concreto da linguagem. Nesta vertente destacam-se os estudos da filosofia da linguagem ordinária de Gilbert Ryle, a teoria dos atos de fala de Austin (1990 [1962]) e posteriormente Searle (1981 [1969], 2002 [1979]), a concepção de jogos de linguagem de Wittgenstein e a semiótica de Umberto Eco, dentre outros.

Em suma, deve-se entender que um estudo pragmático irá além de um estudo do significado das palavras ou estruturas sintáticas, pois, ao incluir os elementos contextuais em sua análise, ele torna possível a observação dos atos realizados por meio da linguagem. A pragmática permite analisar o uso da língua de modo que se possa observar todo o contexto de realização da comunicação, compreendendo, segundo (WILSON, 2009), tanto a estabilidade e regularidade do comportamento social como os padrões, crenças e convenções, quanto às instabilidades como as tensões, controvérsias e rupturas.

À luz desse entendimento pragmático, e seguindo a vertente pragmática integrada à filosofia e a linguística, nos pautamos na perspectiva dos **Atos de Fala**, principalmente nos estudos dos atos ilocucionários de Searle (1976), para realizarmos a interface da Pragmática com a Linguística Textual. Acreditamos que os **atos de fala** enunciados por Jesus fornecem informações específicas sobre os propósitos do locutor (Jesus) ao efetuar escolhas dos objetos de discurso com o intuito de atingir os interlocutores para que sigam ou sirvam a Deus, num contexto de pregações através das parábolas.

## 2.1. Os atos de fala ilocucionários

De acordo com van Dijk (2002) uma das premissas da Pragmática é elucidar como os usuários de uma língua, de forma recíproca, atribuem aos seus enunciados atos convencionais particulares, ou seja, busca entender como o ouvinte sabe se o falante, ao produzir um enunciado, está fazendo uma promessa ou ameaça. Quais informações devem ser passadas ao ouvinte de modo que ele seja capaz de atribuir à sentença uma determinada força ilocucionária. Haja vista que, dependendo da forma pela qual um falante produz um enunciado, ele emprega diferentes forças ilocucionárias que deverão ser compreendidas e assimiladas pelo ouvinte. É nesse contexto que ocorrem o entendimento e os acordos necessários à compreensão entre os interlocutores.

A partir desse entendimento, buscamos observar os atos de fala, mais enfaticamente, os ilocucionários entendidos por Searle (1976, p. 1), como a base para uma comunicação linguística.

A Teoria dos Atos de Fala (TAF) foi proposta inicialmente por Austin (1911 – 1960) e desenvolvida posteriormente por Searle. De acordo com essa teoria quando falamos não realizamos apenas declarações, mas ações do tipo: ordenar, perguntar, pedir, etc. Assim, entende-se que, quando dizemos algo, simultaneamente estamos realizando uma ação.

Para Austin (apud OLIVEIRA, 1996, p.157), dizer algo equivale a executar três atos simultâneos: locucionário, ilocucionário e perlocucionário. O primeiro deles, o **ato locucionário** corresponde “à totalidade da ação linguística em todas as suas dimensões” (OLIVEIRA, 1996, p. 157), basicamente, é o ato de dizer uma sentença, independente do contexto, na modalidade falada ou escrita. O segundo é o **ato ilocucionário**, significando, como já dito, que “quando dizemos algo, fazemos também algo” (OLIVEIRA, 1996, p. 158). Assim, quando numa dada situação uma pessoa diz à outra “a senhora está pisando no meu pé”, ela não quer apenas mostrar uma situação, mas, provavelmente, advertir para que a outra pessoa pare de pisar em seu pé. Por fim, o terceiro ato é o **perlocucionário** que basicamente consiste em “provocar por meio de expressões linguísticas, certos efeitos nos sentimentos, pensamentos e ações das pessoas” (OLIVEIRA, 1996, p. 160). Voltando ao exemplo anteriormente citado, é quando uma pessoa influencia a outra para que tire o pé de cima do seu.

No livro “Speech Acts” (Atos de Fala) Searle retoma questões da teoria dos atos de fala de Austin, reformulando e ampliando a taxionomia dos atos ilocucionários, reconstruindo-os em 12 critérios dentre os quais apenas 4 formam a base para os critérios de escolha:

- (a) o objetivo ilocucionário (condição essencial);
- (b) a direção, de ajustamento, seja das palavras com o mundo, seja do mundo com as palavras (condição preliminar que inclui, também, o estatuto dos locutores);
- (c) o estado psicológico expresso (condição de sinceridade);
- (d) o conteúdo proposicional (uma relação colocada sobre o passado ou o presente, uma previsão do futuro) (PAVEAU & SARFATI, 2006, p. 223).

Esses critérios regem a classificação dos atos ilocucionários em categorias como: **assertivos, diretivos, comissivos, expressivos e declarativos**.

Na **classe assertiva**, o ponto ou propósito é comprometer o falante (em diferentes graus) com o fato de algo ser o caso, com a verdade expressa na proposição. Todos os membros dessa classe representativa são avaliados na dimensão do verdadeiro e falso. Nesse caso, aparecem como exemplos frases do tipo: “*Afirmo que está chovendo*” ou “*Prevejo que ele virá*” (SEARLE, 1976, p. 17). No contexto das parábolas bíblicas, tais atos ilocutórios serão percebidos em sentenças que Jesus pronunciava, geralmente, antes ou depois de um ensinamento, assinalando a importância do que Jesus estava dizendo: “*Eu afirmo a vocês que isto é verdade...*”, “*Pois eu afirmo a vocês que só entrarão no Reino do Céu se forem mais...*”.

Nos **atos diretivos** o ponto ilocucionário consiste no fato de que eles são tentativas (de diferentes graus) do falante para fazer com que o ouvinte faça algo. Essas tentativas podem ser mais modestas, como quando o falante convida a fazer algo ou sugere que se faça algo, ou podem ser tentativas mais eficientes, como quando o falante insiste em que se faça algo. Searle (1976, p.11) assinala que os verbos característicos dessa classe são pedir, implorar, orar, suplicar, convidar, aconselhar, etc. Como Jesus falava na maioria das vezes para a multidão, os atos diretivos aparecem geralmente com verbos no plural. Selecionamos como exemplos os excertos:

“Se vocês me amam, obedecem aos meus mandamentos...” (Jo. 14:15)



“Não julguem os outros e Deus não julgará vocês. Não condenem os outros e Deus não condenará vocês. Perdoem os outros e Deus perdoará vocês”. (Lc. 6:37)

“Jesus disse: - Não fiquem aflitos. Creiam em Deus e creiam também em mim”. (Jo. 14.1).

“Peçam ao dono da plantação que mande mais trabalhadores para fazerem a colheita”. (Mt. 9:38)

O ponto ilocucionário dos **atos expressivos** é o de expressar o estado psicológico especificado na condição de sinceridade sobre um estado de coisas, especificado no conteúdo proposicional (SEARLE, 1976, p. 12). Como exemplos, Searle cita verbos como agradecer, lamentar-se, desculpar-se, etc. Tais atos representam sentimentos e atitudes do falante, portanto, não serão encontrados, especificamente nas parábolas, representando características de Cristo, esses poderão ser vistos em outros contextos como quando Jesus orava ou falava a seus discípulos: “– Ó Pai, Senhor do céu e da terra, *eu te agradeço* porque tens mostrado às pessoas sem instrução aquilo que escondestes dos sábios e dos instruídos”. (Mt. 11:25). “ – *Estou com pena* dessa gente porque já faz três dias que eles estão comigo e não têm nada para comer. Não quero mandá-los embora com fome, pois poderiam cair de fraqueza pelo caminho” (Mt. 15:32).

Os **atos comissivos** são atos ilocucionários cujo propósito é comprometer o falante (em diferentes graus) com alguma linha futura de ação, é o caso do convite e da promessa (SEARLE, 1976, p. 11). Percebemos tais atos nos convites que Jesus fez aos seus discípulos para segui-lo “Jesus lhes disse: - Venham comigo que eu ensinarei vocês a pescar gente’ (Mt. 4:19); e também nas promessas simbólicas para que compreendessem sobre o Reino dos Céus e que ele era o redentor esperado por eles “- Venham a mim, todos vocês que estão cansados de carregar as suas pesadas cargas, e eu lhes darei descanso. Sejam meus seguidores e aprendam comigo porque sou bondoso e tenho um coração humilde; e vocês encontrarão descanso (Mt. 11: 28,28).

E o último ato ilocucionário, o **declarativo**, tem como característica o bom desempenho de um de seus membros, produzindo a correspondência entre o conteúdo proposicional e a realidade (SEARLE, 1976, p. 13). Incluem-se nesses casos o ato de batizar, o de fazer uma sentença judicial, etc. em outras palavras, são atos que “requerem situações extralinguísticas para a sua atualização em instituições ocupadas por falantes e ouvintes” (WILSON, 2008, p. 94). Jesus como representação do filho de Deus realizou milagres e prodígios que ao serem descritos

na Bíblia e, portanto, reconhecidos mundialmente pelos cristãos, intitulam-no como falante instituído para designar tais atos como: “- Meu amigo, os seus pecados estão perdoados” (Lc. 5:20); “Vá; você está curado porque teve fé” que em outras versões aparece como: “Vá, a tua fé te curou” (Mc. 10:52).

Searle também nos chama atenção para a diferença entre o **ato ilocucionário** e a **força ilocucionária**, sendo esta que traduz a particularidade de cada ato ilocucionário. A força ilocucionária, por exemplo, é que irá marcar a diferença de um pedido ou uma reclamação, por isso, muitas vezes é expressa pela ordem das palavras, o acento tônico, a entonação, o modo e uso dos verbos performativos (SEARLE apud WILSON, 2009).

Nesse caso, o autor também adverte que é o contexto quem permitirá fixar a força ilocucional da enunciação. Para que um ato de fala seja eficaz é necessário que seja executado de modo apropriado às circunstâncias. Daí a origem das chamadas *condições de sucesso* dos atos de fala:

[...] o dispositivo de indicação de força ilocucionária na sentença opera sobre o conteúdo proposicional para indicar, entre outras coisas, a direção do ajuste entre a realidade e conteúdo proposicional. No caso dos **assertivos**, a direção de ajuste é das palavras - mundo, no caso de **diretivos** e **comissivos**, é mundo-palavra; no caso dos **expressivos** não há direção de ajuste realizado pela força ilocucionária porque a existência de ajuste é pressuposta [...]. Mas agora, com os **declarativos** descobrimos uma relação muito peculiar. O desempenho de uma declaração traz um ajuste pelo fato de o seu desempenho ser bem sucedido. Como é possível uma coisa dessas?

Observe que todos os exemplos que examinamos até agora envolvem uma instituição extralinguística, um sistema de papéis constitutivos, além das regras constitutivas da linguagem, de modo que a declaração possa ser realizada com sucesso[...] (SEARLE, 1976, p. 14).

Para van Dijk (2002), a determinação de um ato de fala ocorre naturalmente após a compreensão do próprio enunciado, após serem relacionadas às informações pragmaticamente relevantes deste às informações derivadas da análise do contexto. Assim entendemos que os atos ilocucionários, ao desempenharem diferentes funções, nos conduzem às interpretações a respeito de Jesus, pois tais atos nos levam a observar o sentido do enunciado, sendo vistos além do contexto linguístico, o extralinguístico: o que Jesus diz, quando diz, para quem diz e como diz; aspectos que, de certa forma, estruturam o sentido do enunciado e possibilitam nossa análise dos objetos de referenciação.

Não queremos aqui realizar um estudo específico do contexto, uma vez que esta seria uma tarefa árdua por conta dos inúmeros estudos realizados no âmbito linguístico e áreas afins; todavia gostaríamos de especificar a importância deste para percebermos não só os atos de fala, mas também os objetos de discurso.

Para finalizar, concordamos com van Dijk (2002, p. 81), ao dizer que “[...] o contexto deve ser tomado como característico para um conjunto de atos de fala”. A questão do **contexto social** postulada pelo pesquisador nos conscientiza sobre a importância da interpretação/compreensão dos participantes sociais na situação comunicativa, de quando as parábolas eram pronunciadas por Cristo. Através de tal estudo podemos identificar os diferentes papéis sociais do contexto parabólico, no qual Jesus era visto como uma autoridade, pois ensinava e realizava milagres; e aqueles que o procuravam e o seguiam eram vistos como as pessoas submissas e receptivas para o que ele tinha a lhe dizer. É dito na Bíblia que em alguns momentos as pessoas, além de seus discípulos, ficavam dias acampados na cidade em que Jesus se encontrava, esperando por seus ensinamentos.

Diferentes posições e relações de poder também foram contempladas simbolicamente em parábolas como “A parábola do servo impiedoso”; “A parábola dos servos na vinha”; “A parábola dos dois filhos”; “A parábola dos lavradores”; em que se ensina o respeito àqueles que detêm posição superior, sendo um dever do servo de ser humilde e fiel para alcançar a graça e benevolência de seu senhor. Dessa forma, Jesus, mesmo sendo adorado por muitos e considerado Filho de Deus, pregava uma vida humilde e submissa, demonstrando tais atitudes.

Será visto no próximo capítulo mais sobre o contexto situacional das parábolas enquanto falamos sobre o **Gênero parábolas bíblicas**.

### 3. O GÊNERO PARÁBOLAS BÍBLICAS

“Então os discípulos chegaram perto de Jesus e perguntaram: - Por que é que o Senhor usa parábolas para falar com as pessoas?”

Mt. 13:10

#### 3.1 . Questões Sobre Gêneros

Neste capítulo pretendemos discutir sobre a classificação do gênero parábola bíblica. É sabido que a temática sobre gêneros é um dos estudos mais pesquisados atualmente não só na esfera linguística, mas também é objeto de interesse de críticos literários, retóricos, sociólogos, cientistas cognitivistas, publicitários, jornalistas, especialistas em comunicação empresarial, entre outros (MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005). Assim, percebe-se uma variedade de abordagens teóricas acerca do gênero decorrendo em diferentes terminologias que flutuam entre as classificações acadêmicas.

Portanto, verificamos que classificar nosso *corpus* dentro de uma perspectiva genérica não foi uma tarefa fácil, isso porque primeiramente há um amplo arcabouço teórico para classificação dos gêneros, e, em segundo plano, porque não encontramos muitos estudos linguísticos com a classificação do gênero parábola bíblica. Todavia, constatamos que o texto bíblico, apesar de arcaico, pode servir para pesquisas relacionadas à linguagem atualmente. Dentre os poucos que ousaram classificar o gênero parábolas bíblicas, encontramos na tese de Gonçalves (2006) uma classificação aprimorada das parábolas ditas por Jesus, e que, portanto, merece espaço no nosso trabalho. Entretanto, gostaríamos de aprofundar tal classificação apresentando, em nosso trabalho, a vertente nos gêneros textuais-discursivos. Acreditamos que essa classificação foi necessária haja vista nossa forma de entender o gênero parábola dentro do estudo proposto com interface entre Linguística Textual e Pragmática.

### 3.2. O gênero parábola

Antes de apresentarmos a definição do gênero parábola e vermos o porquê de ela estar também configurada como um gênero do discurso, antes é válido conceituar o termo. Segundo o Dicionário Escolar da Língua Portuguesa (2008, p. 948) **parábola** é “uma narrativa alegórica que envolve um preceito moral”. Para Sant’anna (2010) parábola é uma narrativa curta e essencialmente alegórica, cuja principal função é veicular princípios morais e religiosos. Segundo Gonçalves (2006) o termo parábola tem origem etimológica grega *parabolé* que se desdobra em duas outras palavras: “*para*” significando “lado de” e “*bolé*” procedente de “*balho*” cujo significado remete para os sentidos de “lançar, jogar, arremessar”. Com a junção desses dois termos parábola ganha o sentido de “arremesso ao lado”, ou seja, uma narrativa em que se comparam simbolicamente realidades postas lado a lado.

Definida a parábola, agora convém classificá-la dentro de um gênero. Pode-se dizer que o termo gênero iniciou-se no trabalho de Mikhail Bakhtin, “Estética da Criação Verbal”, publicado inicialmente em 1979, que caracteriza basicamente os gêneros do discurso como:

[...] O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 1997, p. 261-262).

Outro fator predominante nos estudos do filósofo russo é a conceituação dos gêneros do discurso primários e secundários:

[...] Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples) que se formaram nas condições de comunicação discursiva imediata (BAKHTIN, 1997, p. 263).

Através dessa distinção compreendem-se duas questões fundamentais sobre o conceito de gêneros que nortearão nossas análises das parábolas: a dimensão **oral** e **escrita** na configuração dos gêneros.

### **3.2. A dimensão da oralidade e escrita no gênero parábola bíblica**

Nesse contexto consideramos que o gênero parábola tem uma configuração híbrida uma vez que nela estão assentadas uma motivação enunciativa oral e uma composição escrita. Segundo Gonçalves (2006), podemos considerar a parábola inerente à discursividade, logo, ao gênero primário, porque ela se dá inicialmente de forma enunciativa oral e contém sequências dialogais do texto falado:

[...] considerar a parábola como um gênero oral é tê-la como uma prática social onde é gestada a identidade individual ou grupal. Lembramos, além disso, da célebre divisão conceitual operada por Bakhtin (1997) entre gêneros primários e secundários, sustentada no grau de interação entre os interlocutores. Assim, os primários tenderiam para o discurso oral e os secundários para o discurso escrito. Pois bem, a parábola, na sua situação de produção original, se configuraria como um gênero primário porque, como foi concebido no interior de uma enunciação oral, está ligado a situações comunicativas relacionadas a esferas sociais cotidianas e relações humanas. Ademais, a parábola, na sua enunciação primeira, pode ser considerada um gênero primário já que permitiu trocas verbais espontâneas e imediatas. Basta perceber que elas foram transmitidas por meio de diálogos (GONÇALVES, 2006, p. 204).

Já a dimensão escrita deve-se à reatualização por escrito dessa dimensão enunciativa, passando-se para o gênero secundário, já que não irá se tratar mais de uma comunicação imediata:

[...] pois, passando a uma ordem escritural, não está mais ligada diretamente a situações comunicativas mediadas espontaneamente em esferas sociais cotidianas, pelo contrário, está presa a uma relação interlocutiva culturalmente mais complexa e mais elaborada, já que os evangelistas retextualizaram por escrito as narrativas das parábolas contadas oralmente por Jesus e, preservadas por escrito, passaram à posterioridade esse patrimônio das narrativas cristãs, chegando ao nosso alcance mais imediatamente através de um complexo trabalho de tradução e publicação (GONÇALVES, 2006, p. 212).

Gonçalves (2006) salienta que a retextualização das parábolas para forma escrita não é uma simples transcrição literal da fala de Jesus, isso porque uma

mesma parábola foi descrita de forma diferente, como exemplo a parábola do “Semeador” contada nos livros de Mateus (13: 1-9), Marcos (4:1-4), Lucas (8:4-8). Essas parábolas embora possuam o mesmo conteúdo narrativo, apresentam alguns elementos linguísticos diferentes.

Nesse sentido, percebemos que nosso objeto de análise configura-se ao mesmo tempo no gênero secundário, pois estamos lidando com o texto na forma complexa, escrita, e, portanto, nos interessa saber a configuração do gênero parábola nessa dimensão; e no gênero primário, porque as parábolas emanam de uma situação comunicativa inicial espontânea. Acreditamos que a pontuação dos elementos inerentes ao gênero parábola bíblica, previstos numa metodologia por nós executada, nos possibilitou chegar a uma conceituação do **gênero textual-discursivo**.

### 3.4. O gênero parábola como a narrativa exemplar

Neste tópico defendemos o gênero parábola numa classificação de gênero textual-discursivo, uma vez que buscamos salientar as características estruturais dos textos bíblicos, buscando observar no gênero a materialidade linguística do texto, ou seja, buscando entender os aspectos estruturais dessa narrativa alegórica com preceitos morais; e por serem, as parábolas, textos narrados por Cristo, procuramos entender por esse gênero discursivo, como os ensinamentos morais são passados aos ouvintes, através dessas narrativas.

Partimos do pressuposto de acordo com Bronckart (1999, p. 143) que:

os gêneros do discurso, gêneros do texto e/ou formas estáveis de enunciados de Bakhtin podem ser chamados de **gêneros de textos**; os enunciados, enunciações e/ou textos bakhtinianos podem ser chamados de **textos** quando se trata de produções verbais acabadas associadas a uma mesma e única ação de linguagem ou de enunciados.

Salientamos que para tal análise, não buscamos identificar classificar a parábola apenas observando as propriedades linguísticas internas do texto, mas procuramos observar como esse gênero se constitui como ferramenta para realizar ações sociais significativas realizadas pela linguagem, os atos de fala. Dessa forma, defendemos que “os atos de fala são realizados em formas textuais padronizadas, típicas, inteligíveis, ou gêneros” (BAZERMAN, 2005, p. 22). Os atos de fala além de

configurarem formas típicas do gênero parábola, auxiliam na compreensão de toda atividade comunicativa que o gênero comporta.

Tendo como base a proposta de Adam & Revaz (1997, p. 106-107) ao tratar as sequências dos enunciados narrativos, podemos entender a parábola como sendo uma narrativa exemplar:

Muitas vezes, a narrativa desempenha o papel de argumento contendo e sustentando uma conclusão. Neste caso, fala-se de NARRATIVA EXEMPLAR. Este tipo de narrativa encontra a sua origem numa das figuras mais antigas da “inventio” retórica, a saber, o “exemplum”. Todos os oradores, de fato, para persuadirem, fazem demonstrações através de exemplos ou antítemas, não há outros meios senão estes.” (Aristóteles, Retórica, Livro I, cap. 2). Ao contrário do antítema, que faz apelo ao raciocínio dedutivo, o “exemplum” opera pela indução, isto é, pela analogia: a partir do caso particular, o leitor deve induzir a regra geral.

Essa narrativa exemplar tem como características estruturais:

- a) Narrativa com uma estrutura esquemática: entrada-prefácio ou resumo; trama narrativa; encerramento ou avaliação final (ADAM, 2011, p. 229);
- b) Uma linguagem que aparece predominantemente normativa, uma vez que se trata de um discurso religioso;
- c) Narrativa que representa ações de linguagem.

Tomando como exemplo a parábola “Os lavradores maus” de (Mc. 12:1-12) analisaremos as características estruturais do gênero:

Depois Jesus começou a falar por meio de parábolas. Ele disse:

— Certo homem fez uma plantação de uvas e pôs uma cerca em volta dela. Construiu um tanque para pisar as uvas e fazer vinho e construiu uma torre para o vigia. Em seguida, arrendou a plantação para alguns lavradores e foi viajar.

Quando chegou o tempo da colheita, o dono enviou um empregado para receber a sua parte. Mas os lavradores agarraram o empregado, bateram nele e o mandaram de volta sem nada. O dono mandou mais um empregado, mas eles bateram na cabeça dele e o trataram de um modo vergonhoso. E ainda outro foi mandado para lá, mas os lavradores o mataram. E o mesmo aconteceu com muitos mais — uns foram surrados, e outros foram mortos. E agora a única pessoa que o dono da plantação tinha para mandar lá era o seu querido filho. Finalmente ele o mandou, pensando assim: “O meu filho eles vão respeitar. Mas os lavradores disseram uns aos outros: “Este é o filho do dono; ele vai herdar a plantação. Vamos matá-lo, e a plantação será nossa.” — Então agarraram o filho, e o mataram, e jogaram o corpo para fora da plantação. Aí Jesus perguntou: — E agora, o que é que o dono da plantação vai fazer? Ele virá, matará aqueles homens e entregará a plantação a outros lavradores. Vocês não leram o que as Escrituras Sagradas dizem? “A pedra que os construtores rejeitaram veio a



ser a mais importante de todas. Isso foi feito pelo Senhor e é uma coisa maravilhosa!” Os líderes judeus sabiam que a parábola era contra eles e quiseram prender Jesus, mas tinham medo do povo. Por isso deixaram Jesus em paz e foram embora.

Nessa parábola podemos perceber uma sequência narrativa simples, Jesus a inicia como se estivesse contando uma história. A situação inicial apresenta o personagem “o lavrador” que terá uma representação de bondade. Em contrapartida, na trama da narrativa, a tensão é configurada quando o dono da plantação envia o seu servo fiel para receber sua parte, os lavradores maus batem no empregado e o mandam de volta sem nada. O dono da plantação manda outros lavradores bons com o mesmo propósito, mas que foram surrados pelos lavradores maus. O encerramento da narrativa dá-se quando o dono da plantação manda o seu próprio filho. Como característico da parábola, após o desfecho da história, o locutor propõe uma reflexão a seus interlocutores, onde ele intenciona que se saiba o real significado dos termos simbolizados. No caso dessa parábola, “o dono da plantação” representa “Deus”; “os lavradores bons”, “os profetas que anunciaram o Reino de Deus antes da vinda de Jesus”; “o filho do dono da plantação”, representa o próprio Cristo. Jesus falava simbolicamente, pois dessa forma não comprometia seu ministério e não seria acusado pelos judeus até que fosse chegada a hora de ser visto como o filho de Deus. Dentro desse contexto, a parábola deve ser caracterizada como um gênero diferente em relação aos demais gêneros que apresentam sequências narrativas, como o romance, o conto, a novela, entre outros. A parábola bíblica dita por Jesus tem como característica essencial o seu caráter moralizante e persuasivo, cabendo assim na classificação de Adam & Revaz (1997) supracitada. Mas como diferenciar as parábolas bíblicas ditas por Jesus de outros tipos de parábolas e de outras narrativas “exemplares” como a fábula? Responderemos essa questão analisando as ações de linguagem que subjazem as parábolas jesuísticas.

Locyer (1999), ao analisar um estudo de todas as parábolas da bíblia, classifica as parábolas ditas por Jesus como jesuísticas. Ele entende por parábola como toda e qualquer narrativa que compõem explicações simbólicas no Velho e Novo Testamento. O autor menciona sobre a eficácia da pregação através da parábola. Segundo ele, esse era o principal método ilustrativo de sermões. Jesus não foi o primeiro a utilizar esse método. Os antigos profetas já o utilizavam para

falar dos desígnios de Deus ao seu povo. A linguagem simbólica também já era utilizada pelos mestres da Lei na sinagoga. Isso nos permite acreditar que Jesus para se parecer com os demais oradores da época, utilizava-se de uma linguagem rebuscada e culta. Todavia a versão do texto que embasa nosso trabalho, não nos permite confirmar essa assertiva.

Ratificamos que a parábola bíblica apresenta um texto, cujo léxico deve ser acessível à situação histórico- social do interlocutor, já que este deveria responder prontamente à conclusão moral que lhe seria imposta pelo contador da parábola. Segundo Locyer, os homens não esqueciam as parábolas, porque Jesus foi bastante sábio ao apresentar suas palavras de uma forma que fosse mais fácil e seguro para lembrar a narração (LOCYER, 1999, p. 150).

Mas o fator primordial que nos possibilitou delimitar as narrativas parabólicas de Cristo foi a acepção das ações de linguagem na configuração desse gênero. Gonçalves (2006), concordando com os estudos de Austin (1990), afirma que narrar é um ato ilocutório, cujo efeito perlocucionário pode ser a persuasão. É da força ilocucional que nasce a relação entre o narrador e seu ouvinte/leitor, estes, se persuadidos, serão intencionados a agirem de acordo com a orientação do narrador. Logo, como já visto no capítulo 2, a força ilocucionária tem como objetivo obter a aceitação de um ato proposicional, o ato locucionário. Entretanto, como podemos determinar que os interlocutores das parábolas de Jesus acreditam em seus ensinamentos? O que leva um interlocutor a acreditar em sua intenção ilocucionária? Como saber se o efeito perlocucionário das parábolas foi satisfatório?

Nesse contexto, concordamos também com Bazerman (2005, p. 31) ao dizer que “Os gêneros tipificam muitas coisas além da forma textual. São parte do modo como os seres humanos dão forma às atividades sociais”. Por estarmos trabalhando com um gênero escrito e não científico, vemos que não nos é possível comprovar as “reais” intenções ilocucionárias de Jesus. Mas, considerando-o como um personagem central das narrativas descritas nos evangelhos, ou seja, o autor das parábolas, e compreendendo os atos de fala típicos desses textos, conseguimos responder os questionamentos acima.

Bazerman (2005) denomina **tipificação** a compreensão padronizada de determinadas situações. Ele exemplifica dizendo que se desejarmos conquistar um emprego, precisamos preparar um *curriculum vitae* para enumerar os fatos relevantes e realizações profissionais de nossa vida. Os formatos padronizados nos

direcionam no sentido de como e qual informação apresentar, como, por exemplo, o endereço, formação acadêmica, etc. No gênero parábola, percebemos que alguns atos de fala típicos nos discursos de Jesus são padronizados e reconhecíveis, facilitando a compreensão da parábola por parte dos interlocutores.

Jesus é compreendido socialmente como uma figura de autoridade, pois ensina as pessoas, assemelhando-se aos mestres da Lei. Em alguns de seus atos enunciativos, percebemos a posição social que ele assume e que é aceita por seus seguidores “ – Por que vocês me chamam ‘Senhor, Senhor’ e não fazem o que eu digo? Eu vou mostrar para vocês com quem se parece a pessoa que vem e ouve minha mensagem e é obediente a ela” (Lc. 6:46-47). Jesus persuade seus interlocutores para quem realmente ele era, o filho de Deus, e que estaria melhor quem seguisse seus ensinamentos.

Assim, finalizamos conceituando a parábola bíblica como: um gênero textual-discursivo, que apresenta como situação de ação de linguagem uma estratégia comunicativa em construção, ou seja, tem como objetivo levar o seu interlocutor a construir um conceito moral que subjaz a esse texto, e levá-lo a tomar um posicionamento de ação de acordo com a mensagem pregada.

## PARTE II

# ANÁLISE DAS FUNÇÕES REFERENCIAIS NAS PARÁBOLAS BÍBLICAS

## 4. METODOLOGIA E NATUREZA DO *CORPUS*

### 4.1. Procedimentos metodológicos e o objeto de análise

Na pesquisa que empreendemos, tratamos do texto arcaico como se fosse um texto atual. Ao procurarmos analisar as estratégias de referência, tema central das pesquisas do Texto, na atualidade, observamos, também, todo o entorno enunciativo inerente às parábolas e, para tanto, tomamos base nos pressupostos da Pragmática.

Então, admitimos duas bases teóricas para o nosso estudo: a Linguística do Texto e a Pragmática. Dessa forma desenvolvemos a nossa análise em três procedimentos:

1. Seleção e classificação das estratégias de progressão referencial constituintes das ocorrências encontradas nas parábolas, segundo os estudos de (KOCH, 2005, 2009); e (CAVALCANTE, 2003, 2011).
2. Seleção e classificação de atos ilocucionários presentes nas parábolas, segundo o estudo de Searle (1976);
3. Proposta interpretativa das ocorrências referenciais atreladas às ocorrências dos atos de fala como o intuito de promover uma interface entre Linguística do Texto e Pragmática.

Na parte inicial da pesquisa, foram feitos a coleta dos dados e o inventário das parábolas, processos acompanhados de leituras e resenhas dos textos teóricos. Na segunda parte, abordamos questões gerais sobre Pragmática, porém pertinentes para a fase seguinte de análise do *corpus*. Esse estudo funcionou como uma contextualização particularizada da orientação argumentativa de Cristo. Na terceira e última parte, detalhamos as estratégias de progressão referencial usadas por Jesus nas parábolas bíblicas, e, exemplificamos, a partir dos atos de fala, o contexto enunciativo em que os referentes acontecem.

Esta pesquisa apresenta uma perspectiva de análise qualitativa e não quantitativa. Quanto ao método utilizado na análise das ocorrências, adotamos o procedimento indutivo, isso porque, a partir da observação das estratégias de referência no *corpus* selecionado, procedemos à análise dos dados.

Acreditamos que esta parte final de análise serviu para testarmos a hipótese principal deste estudo, ou seja, entender como a relação do sujeito com as instâncias que povoam seu discurso pode ser detectada a partir dos referentes textuais.

## 4.2. A natureza do corpus

O material do corpus foi colhido da Bíblia NTLH (Nova tradução da Linguagem de Hoje). Como mencionamos no capítulo sobre gêneros, as parábolas perpassam uma cadeia de retextualizações. Primeiro, porque os discípulos retextualizaram em forma de texto escrito, o discurso de Jesus. Segundo, porque essas retextualizações ganharam novas reformulações, de variados tradutores, dos tempos remotos até o contexto atual (GONÇALVES, 2006).

Elegemos, então, dentre as várias retextualizações bíblicas em português, a versão da Bíblia na Nova tradução da Linguagem de Hoje feita pela Sociedade Bíblica do Brasil. Entendemos que essa tradução de equivalência funcional contrapõe, em alguns aspectos, a tradicional tradução do português, João Ferreira de Almeida, de equivalência formal. Vimos ser de extrema importância, selecionarmos uma tradução que fosse de fácil assimilação, e, que acompanhasse a evolução da Língua Portuguesa.

As parábolas foram estudadas de acordo com a classificação de (LOCYER, 1999), em que todo texto ilustrativo, dito por Cristo, com propósito de ensinar e/ou exortar, foi considerado como parábola.

Foram selecionadas, inicialmente, para análise, 32 parábolas. (Ver quadro a seguir). Dessas aproveitamos (26) excertos, fora os dados utilizados na explanação da parte teórica. Como não transcrevemos por inteiro todas as parábolas usadas no corpo do texto, durante nossa exposição analítica, resolvemos dispor o texto integral das parábolas em anexo no final do trabalho.

A seguir, apresentamos um quadro de referência das parábolas que constituem o *corpus*, organizado da seguinte forma: do lado esquerdo está o nome das parábolas, seguido à direita, a apresentação dos evangelhos com a respectiva indicação do texto bíblico onde se encontram as parábolas.

<b>Parábola</b>	<b>Mateus</b>	<b>Marcos</b>	<b>Lucas</b>	<b>João</b>
I. Os falsos profetas	7: 15-20			
II. Jesus e o homem da mão aleijada	12:9-14			
III. Os lavradores maus	21:33-43			
IV. Deus e as riquezas	6: 24-34			
V. A Bondade de Deus	7: 7-12			
VI. Deus e as riquezas			20:9	
VII. Jesus e a tradição judaica	15:12-14			
VIII. A viúva e o juiz			18: 1-8	
IX. O quão difícil é seguir Jesus	8: 18-22			
X. O pedido de um milagre	12:38-39			
XI. A volta do espírito mau	12:43-45			
XII. Arrependimento ou morte			13:1-5	
XIII. O administrador desonesto			16: 1-13	
XIV. Os lavradores maus	21:33-43			
XV. O fermento	13:33			

XVI. O joio	13: 24-30			
XVII. O grão de mostarda		4:30-32		
XVIII. A ovelha perdida			15:1-7	
XIX. O hábito de julgar os outros			6:37-38	
XX. O caniço e os que trajam ricamente	11: 1-15			
XXI. A impureza	15:10-14			
XXII. Os dois filhos	21:28-31			
XXIII. O dever do empregado			17: 7-19	
XXIV. A vingança	5: 38-42			
XXV. O cisco e a trave	7: 3-5			
XXVI. Jesus, os fariseus e os mestres da lei			11:37-53	

Como indica na tabela acima, podemos perceber que nos livros de Mateus e Lucas uma maior ocorrência das estratégias referenciais investigadas, isso porque o material parabólico nos livros de Marcos e João é pouco rentável, tendo em vista o trabalho com referentes investigados nos outros livros. Vale ressaltar, também, o conjunto de parábolas que se repetem nos evangelhos. Na análise como um todo, utilizamos as versões de acordo com cada propósito.



## 5. REFERENCIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM PARÁBOLAS BÍBLICAS

Neste capítulo inicial de análise, propusemos um reconhecimento de ocorrências da referenciação nas parábolas bíblicas com o objetivo de verificar a hipótese de como se dá a relação do sujeito com as instâncias que povoam seu discurso a partir de elementos referenciais. Para tanto, realizamos nossa investigação partindo de um estudo da progressão referencial, o mote desta pesquisa, por meio do qual entendemos como ocorrem as cadeias referenciais. Neste estudo, em alguns momentos, fazemos referência a textos e exemplos de teóricos que consubstanciaram nossa pesquisa e já intencionamos uma apresentação das análises de acordo com a temática abordada. Todavia, salientamos que é no capítulo 6 (A referenciação e suas funções em parábolas), que nossos estudos ganham novos contornos explicativos, uma vez que os dados reforçam a complexidade do processo referencial tendo em vista as suas funções: predicativa, metafórica, metadiscursiva e metonímica.

### 5.1. A Progressão referencial

Dentro dessa temática sobre progressão referencial, particularmente, é válido mencionar outro aspecto importante na construção das cadeias referencias de um texto: **a não continuidade progressiva linear**.

Concordamos também com Koch (2005), ao assumir que o texto não se constrói como se fosse processado numa soma progressiva de partes. Na verdade, o processamento textual ocorre numa oscilação entre vários movimentos um para frente (catáfora) e outro, para trás (anáfora).

As atividades de **categorização** e **recategorização** também compõem parte do processo de referenciação e caracterizam as principais estratégias de **progressão referencial**. Elas ocorrem das seguintes formas:

- a) uso de pronomes ou elipse;
- b) uso de expressões nominais definidas;
- c) uso de expressões nominais indefinidas.

De acordo com Koch (2008), tem-se uma **categorização**, quando a introdução do objeto de discurso ocorrer por meio de expressões nominais:

- (1) **Um grupo de cientistas americanos** e suíços anunciou na semana passada uma importante descoberta na compreensão dos mecanismos do cérebro. Eles concluíram o primeiro mapa da rede de neurônios existente no córtex cerebral, região do cérebro responsável pelo raciocínio, planejamento e coordenação das atividades das outras áreas associadas a funções mais especializadas. Ou seja, os pesquisadores descobriram quais são os caminhos percorridos na transmissão de informações de um neurônio a outro na região que comanda o cérebro [...] (KOCH, 2008, p. 106)

Nos casos em que essa retomada ocorrer por nome ou pronome por meio de uma expressão nominal, também, ocorre categorização:

- (2) Faleceu, no Rio, Dorival Caymi. As canções **do grande compositor baiano que tão bem pintou a Bahia em muitas de suas composições encantaram mais de uma geração, tornando-se clássicos da MPB** (KOCH, 2008, p. 107).

Contudo, se a retomada for de uma expressão nominal por outra expressão nominal, acontece neste caso, a **recategorização**:

- (3) Muita gente que foi comemorar a entrada de 2008 no litoral paulista teve de trocar a praia pelo pronto-socorro para tratar os vergões causados por bolhas flutuantes repletas de tentáculos.

[...]

Eram **caravelas-do-mar**, colônias que também incluem as águas-vivas. A parte inflada, o flutuador, é a base da colônia.

Desse indivíduo brotam todos os outros, os zoóides, com formas tão belas e diversas que o conjunto lembra um carro alegórico de Carnaval. [...]

**Essas alegorias** viajam mar afora carregadas por ventos e correntes marítimas (KOCH, 2008, p. 108).

### 5.1.2. Progressão referencial pelo uso de pronomes ou elipses

KOCH (1988; 1989; 1997 apud 2005) ao estudar a progressão referencial, afirma que tal operação, por meio de uso de pronomes, sempre fora descrita na literatura linguística como **pronominalização** (anafórica ou catafórica) de elementos cotextuais, que basicamente seria a substituição de um nome ou sintagma nominal por um pronome (pessoal, possessivo ou demonstrativo). Entretanto, essa operação

por meio de formas gramaticais que exercem a “*função de pronome*” com (pronomes propriamente ditos, numerais, advérbios pronominais), pode ocorrer sem um referente cotextual explícito, mas inferíveis no contexto. Ela apresenta os seguintes exemplos:

(4) Os dois heróis estão lutando para ver qual tem mais força. De repente, **eles** cortam e passam para o quadrinho seguinte, onde já se vê um deles nocauteado, desmaiado no chão.

(5) No nordeste brasileiro, **eles** têm as mais belas praias do mundo (KOCH, 2005, p. 86).

Podemos observar nesses exemplos, que o pronome **eles** remete a indivíduos que não foram designados cotextualmente, mas inferíveis: os autores no exemplo (4) e os habitantes do nordeste brasileiro em (5).

Em algumas parábolas ditas por Cristo será comum encontrarmos o pronome **vocês** referindo-se aos interlocutores “locais” (os que ouviam as parábolas no momento em que Cristo as pronunciava); e os interlocutores “leitores” (aqueles que leem os textos bíblicos num contexto atual). Na maioria das vezes, aparecem referidos no cotexto sendo designados numa enunciação direta de Cristo; mas, em alguns momentos, serão inferíveis pelo contexto, uma vez que Jesus parte das analogias ao declarar as parábolas, para depois, geralmente no final, incluir seus interlocutores, com o intuito de mostrar-lhes como deveriam proceder.

#### I. Os falsos profetas

Cuidado com os falsos profetas! Eles chegam disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos selvagens. **Vocês** os conhecerão pelo que eles fazem. (Mt. 7: 15-16).

#### II. Jesus e o homem da mão aleijada

Jesus respondeu:

- Se um de vocês tiver uma ovelha, e no sábado **ela** cair no buraco, será que ele não vai fazer tudo para tirá-la dali? Pois uma pessoa vale muito mais do que uma ovelha [...]. (Mt. 12:11-12).

Em (I) **vocês** não foi anteriormente mencionado, entretanto o contexto possibilita o leitor entender que a frase exclamativa inicial serve tanto para chamar atenção daqueles que ouviram diretamente a parábola dita por Cristo, quanto para quem a lê num contexto atual. Já em (II) ocorre o referente cotextual. Assim, percebemos que, tanto nas pronominalizações como nas operações referenciais sem um referente cotextual explícito, estas foram utilizadas para que facilmente se

saiba sobre de quem Jesus está falando ou a quem estão se referindo os ensinamentos das parábolas, de acordo com cada contexto.

De acordo com KOCH (2005), as **elipses** (pronome nulo ou categoria vazia) também podem desempenhar uma progressão referencial, esta consiste na omissão de termos facilmente inferíveis no decorrer do texto. Em nosso estudo verificamos que a progressão referencial por elipse será recorrente nas sequências textuais narrativas, como em (III):

### III. A parábola dos lavradores

— Certo homem fez uma plantação de uvas e pôs uma cerca em volta dela. Construiu um tanque para pisar as uvas e fazer vinho e construiu uma torre para o vigia. Em seguida, arrendou a plantação para alguns lavradores e foi viajar. (Lc. 20:9).

### 5.1.3. Progressão referencial pelo uso de expressões nominais definidas

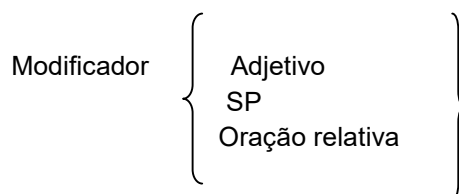
As progressões referenciais pelo uso de expressões nominais definidas são também denominadas como **formas nominais definidas**, pois são formas linguísticas constituídas de um determinante definido ou demonstrativo, seguido de um nome. Dentre essas expressões nominais constituem objeto de reflexão em Koch (2005; 2009) as **descrições definidas**, as **nominalizações**, as **rotulações metalinguísticas** ou **metadiscursivas** e as expressões nominais que funcionam no texto como **anáforas indiretas**.

A **descrição definida** caracteriza-se por “[...] operar uma seleção dentre as diversas propriedades de um referente - reais, co(n)textualmente determinados ou intencionalmente atribuídos pelo locutor - ” (KOCH, 2009, p. 68). Trata-se, basicamente, da ativação, dentre os conhecimentos supostamente compartilhados entre os interlocutores, de características ou traços do referente que o locutor procura ressaltar ou enfatizar. Koch (2005, p. 87) apresenta as seguintes configurações que podem assumir as expressões referenciais definidas em português:

Det. + Nome

Det. + Modificador(es) + Nome + Modificador(es)

Det. {  
Artigo definido  
Demonstrativo  
}



Como exemplo a autora cita:

(6) Cientistas da Universidade de Massachusetts seqüenciaram o genoma de um microrganismo que pode sobreviver em condições dez vezes mais salgadas do que a água do mar. Os dados genéticos deverão esclarecer como **esse organismo** – *Halobacterium* – vive em ambientes extremos, como minas de sal ou lagos salgados. A idéia dos pesquisadores é utilizar essas informações para o desenvolvimento de produtos biotecnológicos, como planta de arroz, que possam crescer em solo salino [...] (KOCH, 2005, p. 87).

A autora também ressalta que a escolha de determinada descrição definida pode trazer ao leitor e/ou ouvinte informações importantes sobre as opiniões e crenças do produtor do texto, auxiliando-o na construção de sentido; quando não é o locutor que, pelo uso de uma descrição definida, dá a conhecer, ao interlocutor, fatos relativos do referente que julga ser desconhecido do parceiro (KOCH, 2005).

Nossos dados confirmam essa conclusão de Koch. Nós acreditamos que a escolha dos referentes a serem utilizados como analogias por Cristo é determinante na construção de sentido que o locutor, Cristo, quer imprimir no seu discurso. Os objetos de discurso escolhidos carregam em si não só um significado literal, mas um sentido moralizador ou exortativo para o “*bem-viver*” dos interlocutores, a respeito do Reino de Deus.

#### IV. Deus e as riquezas

E por que vocês se preocupam com roupas? Vejam como crescem as flores do campo: elas não trabalham, nem fazem roupas para si mesmas. Mas eu afirmo a vocês que nem mesmo Salomão, sendo tão rico, usava roupas tão bonitas como **essas flores**. É Deus quem veste **a erva do campo** que hoje dá flor e amanhã desaparece, queimada no forno. (Mt. 6: 28-30)

A **erva do campo**, citada na parábola acima, é famosa por sua cor violeta brilhante, e que, apesar de crescer em regiões áridas, é esplendorosamente bela, vestida melhor do que qualquer pessoa. Com isso, podemos perceber que a escolha das descrições definidas configura os elementos simbólicos, de conhecimento comum dos interlocutores, a serem compartilhados no discurso no ato da enunciação. A partir desse elemento simples, como a erva do campo, Jesus

censura a preocupação desnecessária com nós mesmos e mostra que seus seguidores devem confiar em Deus, que conhece todas as suas necessidades.

No capítulo 6, mostraremos com maior detalhe a importância das descrições definidas no processo referencial e na orientação argumentativa do texto. Por agora, retomamos a reflexão sobre o uso das expressões nominais, tratando especificamente das **nominalizações**. Segundo Koch (2005), as *nominalizações* poderão ocorrer sem o determinante e frequentemente aparecerão sob a forma de oração relativa ou, como em alguns casos, seguidas do demonstrativo ou de um indefinido, ou ainda, de uma estrutura comparativa:

(7) O projeto sofreu severas críticas dos assessores, críticas (*essas*) *que o fizeram* desistir de levá-lo adiante.

(8) Estou agora tentando resolver estes problemas, *problemas menores*, evidentemente, *que aqueles* do início (KOCH, 2005, p. 88).

Como função própria das **nominalizações**, as **sumarizações** ou **encapsulamentos** sumariza as informações suporte contidas em segmentos precedentes do texto. Estas podem efetivar-se por meio de formas pronominais neutras como (isto, isso, aquilo, o); ou de expressões nominais (definidas, demonstrativas ou indefinidas). Através delas seleciona-se um segmento textual de extensão variada, e constrói-se uma entidade discursiva, a qual passa a constituir um referente para futuras predicções (FRANCIS 1994; SCHWARZ 2000; 2001; MÜSSELER; RICKHEIT 1990; CONTE 1996 apud, KOCH, 2008).

Para SCHWARZ, (apud KOCH, 2005, p. 94) trata-se de **anáforas complexas** que não nomeiam referentes específicos, mas referentes textuais abstratos como: *estado, fato, evento, atividade, questão*, etc. Koch (2008, p. 8-9) apresenta os seguintes exemplos:

(9) Um grupo de cientistas americanos e suíços anunciou na semana passada uma importante descoberta na compreensão dos mecanismos do cérebro. Eles concluíram o primeiro mapa da rede de neurônios existente no córtex cerebral, região do cérebro responsável pelo raciocínio, planejamento e coordenação das atividades das outras áreas associadas a funções mais especializadas. Ou seja, os pesquisadores descobriram quais são os caminhos percorridos na transmissão de informações de um neurônio a outro na região que comanda o cérebro.

[...] **O estudo** foi publicado na edição online do jornal científico PloS Biology.

[...] **A conquista** foi obtida a partir do uso (em cinco voluntários) de uma nova tecnologia de exame de imagem batizada de “imagem de espectro difuso”. Trata-se de uma evolução da ressonância magnética que permitiu aos pesquisadores estimar a densidade e a orientação das conexões entre os

neurônios. A eficácia de sua utilização foi outro motivo de comemoração. Os resultados precisos indicados pelo exame o colocaram como um método com grande potencial para diagnóstico de lesões e doenças neurológicas e psiquiátricas.

(10) Após violenta discussão com Maria, Pedro saiu de casa para espalhar. Ao voltar, encontrou-a caída no banheiro, com um vidro de pílulas na mão. Ele devia tê-lo imaginado. Não era a primeira vez que **isso** acontecia.

O exemplo (9) mostra as *rotulações* **O estudo** e **A conquista**, como função das **nominalizações** realizadas por meio de expressões nominais. Não será recorrente nas parábolas casos desse tipo, até mesmo porque, diferentemente de textos jornalísticos como os citados por Koch, as parábolas bíblicas apresentam um grau de informatividade menor, não tendo espaço para a utilização da rotulação dessa forma. Já, o exemplo (10) mostra os encapsulamentos por **pronominalização**, no qual o pronome **o** encapsula “a possibilidade de Maria vir a tentar suicídio”, que necessita ser deduzida de todo contexto; ao passo que **isso** encapsula a tentativa efetiva de suicídio (KOCH, 2008). Este último caso de rotulação aparecerá em maior frequência nas parábolas, servindo como estratégia argumentativa de Cristo, utilizada, geralmente, quando Ele explica um fato anteriormente enunciado, delimitando e escolhendo um rótulo adequado:

#### V. A Bondade de Deus

Peçam e vocês receberão; procurem e vocês acharão; batam, e a porta será aberta para vocês. Porque todos aqueles que pedem recebem; aqueles que procuram acham; e a porta será aberta para quem bate. Por acaso algum de vocês, que é pai, será capaz de dar uma pedra ao seu filho, quando ele pede pão? Ou lhe dará uma cobra, quando ele pede um peixe? Vocês mesmo sendo maus, sabem dar coisas boas aos seus filhos. Quanto mais o pai de vocês, que está no céu, dará coisas boas aos que lhe pedirem!

Façam aos outros o que querem que eles façam a vocês; pois **isso** é o que querem dizer a Lei de Moisés e os ensinamentos dos Profetas. (Mt. 7:7-12)

#### VI. Deus e as riquezas

[...] **Vejam os passarinhos que voam pelo céu:** eles não semeiam, não colhem, nem guardam comida em depósitos. No entanto, o Pai de vocês, que está no céu, dá de comer a eles. Será que vocês não valem muito mais do que os passarinhos? E nenhum de vocês pode encomprar a sua vida, por mais que se preocupe com **isso**. (Mt. 6: 26-27)

No exemplo (V), **isso** funciona como um encapsulamento anafórico e catafórico, já que ao mesmo tempo sumariza o ensinamento da parábola “Façam aos outros o que querem que eles façam a vocês”; e mostra de onde tal

ensinamento provém: da Lei de Moisés e dos Profetas. Em (6), o encapsulamento anafórico sumariza a informação precedente, de que o Pai (Deus) cuida de seus filhos assim como cuida dos passarinhos, seres inferiores aos humanos, não os deixando cair.

É válido ressaltar, também, dentro de um estudo sobre as expressões nominais definidas, o caso das **anáforas indiretas**. Trataremos destas, em uma secção à parte.

#### 5.1.4. Progressão referencial pelo uso das expressões nominais indefinidas

Sobre este assunto, Koch (2005) chama atenção para a pouca importância dada na literatura sobre referenciação. Também utilizadas sob as formas de **expressões nominais** só que com determinantes **indefinidos**, funcionam de forma anafórica e, mais comumente, na introdução de novos referentes, sendo, geralmente, utilizados na caracterização de personagens do texto, numa operação dupla de referenciação e progressão temática, como nos mostra Koch (2005, p. 89) no exemplo abaixo:

(11) Um homem morre em plena rua, entre centenas de passantes. **Um homem caído na rua. Um bêbado. Um vagabundo. Um mendigo**, um anormal, **um tarado, um pário** [...].

Todavia, Koch (2001) apresenta uma argumentação na qual prevê que as expressões nominais, introduzidas por artigo indefinido, em certas circunstâncias, podem desempenhar uma função referencial na retomada de referentes. Para tanto, ela apresenta três casos principais:

- quando se seleciona um referente no interior de um conjunto já mencionado:

(12) **Um grupo de colegas** entrou na sala. **Um estudante loiro** acenou para mim. (KOCH, 2001, p. 83).

- quando se nomeiam partes de um referente previamente mencionado ou, então, conscientemente, não se especifica melhor o referente, para criar um efeito de suspense.



(13) Preciso consertar o telhado. **Uma telha** está quebrada. (KOCH, 2001, p. 83).

(14) Assalto a Banco: os meliantes atiram no motorista de um carro forte. O caixa age com a rapidez de um raio: fazendo o dinheiro desaparecer não se sabe como, apresenta aos assaltantes duas caixas vazias. À noite, ele recebe uma visita inesperada. No dia seguinte, **um cadáver** é retirado de um riacho próximo. (KOCH, 2001, p. 83).

- Quando a expressão anafórica focaliza mais fortemente a informação por ela veiculada do que o prosseguimento da cadeia coesiva, como exemplo a autora cita:

(15) A velha senhora desaba sobre a cadeira da cozinha. E quando a sua amiga chega, não encontra a avozinha, mas **um montinho de infelicidade, uma coisinha danificada e confusa**. KOCH, 2001, p. 83).

Dentre esses casos apresentados por Koch (2001) de demonstrações de reativação referencial feita por artigos indefinidos, verificamos que nas parábolas bíblicas tal função é pouco recorrente, e, quando ocorre, aparece como exemplificado no primeiro ponto: um referente no interior de um conjunto já mencionado, geralmente, em um contexto de comunicação direta entre Cristo e os seus discípulos, quando Jesus busca focalizar um elemento que será explorado nas parábolas, como no exemplo (VII):

#### VII. Jesus e a tradição Judaica

— Sabe que os fariseus ficaram escandalizados com o que o senhor disse? Jesus respondeu: — Toda planta que o meu Pai, que está no céu, não plantou será arrancada. Não se preocupem com **os fariseus. São guias cegos**. E, quando **um cego guia outro**, os dois acabam caindo num buraco. (Mt. 15:12-14)

Koch (2005) acrescenta a esse estudo, a informação de que, geralmente, o referente textual é construído em primeiro lugar com o emprego de **descrições indefinidas** para depois ser recategorizado de forma **definida**. Esta estratégia será percebida nas parábolas em que Jesus apresenta os personagens ainda não conhecidos pelos interlocutores e que, no desenrolar da parábola, ocasionalmente, são definidos agora com predicativos que os qualifica como bons ou ruins:

#### VIII. A viúva e o juiz

Jesus contou a seguinte parábola, mostrando aos discípulos que deviam orar sempre e nunca desanimar:

- Em certa cidade havia **um juiz** que não temia a Deus e não respeitava ninguém. Nessa cidade morava **uma viúva** que sempre o procurava para pedir justiça, dizendo: “Ajude-me e julgue o meu caso contra o meu adversário!”

- Durante muito tempo **o juiz** não quis julgar o caso da viúva, mas afinal pensou assim: “É verdade que não temo a Deus e também não respeito ninguém. Porém, como **esta viúva** continua me aborrecendo, vou dar a sentença a favor dela. Se eu não fizer isso, ela não vai parar de vir me amolar até acabar comigo.”

E o senhor continuou:

- Prestem atenção naquilo que aquele juiz desonesto disse. Será, então, que Deus não vai fazer justiça a favor do seu próprio povo, que grita por socorro dia e noite? Será que ele vai demorar para ajudá-lo? Eu afirmo a vocês que ele julgará a favor do seu povo e fará isso bem depressa [...] (Lc. 18: 1-8).

## 5.2. Continuidade referencial: a anaforização

Em estudos sobre a continuidade referencial de um texto, Cavalcante (2003; 2011) apresenta, de forma minuciosa e consistente, uma ampla classificação e discussão sobre o fenômeno da anaforização. Tendo como base esse estudo, como também de outros autores como Koch (2008) e Marcuschi (2005), fizemos um recorte dos principais fenômenos anafóricos, objetivando investigar os modelos que aparecem em maior evidência nas parábolas e que nos auxiliaram no entendimento das mesmas.

Cavalcante (2011) classifica as anáforas em dois grupos: (i) **anáforas diretas** ou **correferenciais**, quando na continuidade referencial mantém-se obrigatoriamente um mesmo referente; (ii) **anáforas não correferenciais** ou **indiretas**, quando não há uma correferencialidade, a continuidade se estabelece por uma espécie de associação que os participantes da enunciação elaboram por inferência.

(16) Um advogado morre e pede, em seu testamento, que cada um de seus três sócios jogue 50 reais dentro de seu túmulo na hora do enterro. **O primeiro** pensa muito, tira uma nota de 50 reais da carteira e a joga na cova. **O segundo** reluta bastante, mas também joga uma nota de 50 reais. **O terceiro** recolhe as duas notas de 50 e joga um cheque de 150 reais na cova. (CAVALCANTE, 2011, p. 62).

Ao analisar o exemplo, a autora explica que alguns dos anafóricos diretos seriam: “o primeiro”, “o segundo” e “o terceiro” com relação à expressão “cada um de seus três sócios”. Com relação aos anafóricos indiretos, a pesquisadora cita como

a relação de “o enterro” e “morte”, que constituem um processo de referenciação ocorrido porque podemos inferir, dentro de nossa cultura, a cena de morte seguida de enterro (CAVALCANTE, 2011). Assim, podemos entender, também, as anáforas indiretas como “[...] continuidades referenciais sem retomada, apenas com remissão a uma âncora no co(n)texto” (CAVALCANTE, 2003, p.113).

### 5.2.1. As Anáforas indiretas

Cavalcante (2003; 2011), nos chama a atenção para o pleito, entre alguns estudiosos, em relação à subdivisão das anáforas indiretas. De acordo com a autora, os estudos convergem para duas abordagens do fenômeno: uma estreita que se apoia em restrições léxico- estereotípicas, tendo como representante os estudos das anáforas numa perspectiva restrita ao aspecto semântico-lexical de KLEIBER (2001); outra com uma visão mais ampla, tal como tem sido tratada por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1999) e Schwarz (2000), que não se limita apenas a observação associativa, mas prevê outros tipos de inferências. Realizamos, em nosso estudo, um paralelo com essas duas vertentes, a fim de elucidarmos os casos mais recorrentes nas parábolas.

Para compreendermos as anáforas indiretas, que consistem nas relações lexicalmente convencionadas, ou seja, as que são tipicamente associativas, nós consideramos os estudos de (KLEIBER apud CAVALCANTE, 2011) que subdivide as anáforas indiretas em quatro tipos: **meronímicas, locativas, actanciais e funcionais**.

Já para a compreensão dos outros tipos de anáforas, concordamos com Cavalcante (2011) e Marcuschi (2005), que tais sejam vistas como sendo mais inferenciais, pois se estabelecem a partir de graus diferentes de inferência, não apenas por uma relação associativo-lexical.

Certamente, tornar-se-ia, aqui, interessante uma discussão ampla sobre esses quatro tipos de anáforas indiretas. Mas, não é nossa intenção realizar uma discussão avaliativa sobre essas divisões das anáforas em associativas ou não associativas, uma vez que ambas as abordagens nos auxiliaram na compreensão dos textos, pois algumas inferências foram facilitadas por estabelecerem uma relação entre os campos semânticos; já outras, por nos permitirem a recuperação do referente, de forma indireta, a partir de percepções da situação enunciativa, das

informações do conhecimento de mundo culturalmente compartilhado e das informações presentes no contexto.

### 5.2.1.1 As Anáforas associativas com relações léxico-esteriotípicas

Segundo Kleiber (apud CAVALCANTE 2011), uma anáfora associativa consiste na introdução de um referente novo que se manifesta por uma expressão nominal definida, a qual se reporta a uma outra expressão referencial mencionada antes no contexto.

Nas **anáforas associativas meronímicas**, as duas expressões estão associadas por relações convencionais estabelecidas entre os lexemas que as constituem. Nessas anáforas a relação é marcada pelo traço “parte de”, ou seja, há uma relação de dependência ontológica, na qual “[...] o referente do anafórico seria uma parte constitutiva do referente do seu antecedente” (CAVALCANTE, 2011, p. 64- 65):

(17) Não pegue a xícara amarela. **A asa** está quebrada. (SCHWARZ, apud CAVALCANTE, 2011, p. 65).

Para as **anáforas associativas locativas**, Kleiber (apud CAVALCANTE, 2011) observa que embora permaneça um vínculo entre a parte e o todo na relação entre os referentes, nestes percebe-se um condicionamento de localização espacial ou temporal:

(18) Entramos num vilarejo. **A igreja** estava situada no alto. (KLEIBER, apud CAVALCANTE, 2011, p. 65).

(19) Entramos na cozinha. **A geladeira** estava aberta. (KLEIBER, apud CAVALCANTE, 2011, p. 65).

Diferentemente das anáforas meronímicas, Kleiber (apud, CAVALCANTE, 2011) alega que as **anáforas funcionais** não conservam uma relação de distributividade. O que caracteriza os anafóricos funcionais é a relação de dependência funcional que um termo anafórico terá com a sua âncora, do tipo “o autor - as obras”.

(20) Esse livro tem **o autor** inglês. (KLEIBER, apud CAVALCANTE, 2011, p. 65).

Observe que nesse caso não se pode ter uma relação dos referentes com o verbo *ter*, como é possível nas associações meronímicas.

As **anáforas associativas actanciais** ocorrem quando o referente do anafórico corresponder a um dos argumentos (actantes) de um predicado introduzido no cotexto precedente. Assim, estabelece-se a relação entre um acontecimento e as entidades implicadas nesse evento (KLEIBER apud CAVALCANTE, 2011, p. 68):

(21) Assassinararam alguém. **O assassino** foi rapidamente preso.

Nas parábolas ditas por Jesus, o recurso referencial das anáforas associativas será recorrente na exemplificação das ilustrações inerentes às parábolas como em:

#### **IX. O quão difícil é seguir Jesus**

Jesus viu a multidão em volta dele e mandou os discípulos irem para o lado leste do lago. Um mestre da Lei chegou perto dele e disse: — Mestre, estou pronto a seguir o senhor para qualquer lugar aonde o senhor for! Jesus respondeu: — As raposas têm **as suas covas**, e os pássaros, **os seus ninhos**. Mas o Filho do Homem não tem onde descansar. E outro, que era seguidor de Jesus, disse: — Senhor, primeiro deixe que eu volte e sepulte o meu pai. Jesus respondeu: — Venha comigo e deixe que os mortos sepultem os seus mortos. (Mt. 8: 18-22)

Na parábola acima a analogia se estabelece a partir da relação locativa de referente - lugar onde vive - “as raposas” e “os pássaros” ancoram os respectivos lugares de habitação “covas” e “ninhos”.

### **5.2.1.2. As Anáforas Não Associativas**

De acordo com Koch (2008), o tipo de operação referencial das anáforas não associativas acontece quando um novo objeto de discurso é introduzido, sob a capa de informação dada, sem que haja um antecedente literal explícito (não condicionado morfossintaticamente por um sintagma nominal SN anterior); entretanto tal referente poderá ser reconstruído por inferência, a partir de algum elemento precedente do cotexto. A autora apresenta como um dos exemplos:

(22) O astrônomo italiano Galileu Galilei (1564- 1642), perseguido pela Inquisição católica ao proclamar que a Terra não era o centro do Sistema Solar, ganhará uma estátua de mármore em tamanho natural nos limites do Vaticano. A obra ficará no alto da colina que aponta para a cúpula da Basílica de São Pedro.

**A homenagem** é organizada pela Academia Pontifícia de Ciências, que teve Galileu em seus quadros até que ele, com a do telescópio revolucionário para a época, confirmou a teoria do polonês Nicolau Copérnico (KOCH, 2008, p. 105).

Para interpretar esse exemplo, o ouvinte/leitor terá de fazer operações mais sofisticadas de ordem conceitual, pois não se trata aqui, de uma relação léxico-estereotípica estabelecida por Kleiber (1994, apud KOCH, 2008, p. 104), mas de uma relação indireta cuja referenciação é construída inferencialmente. Assim, **estátua de mármore e obra** é que vão ancorar a interpretação de **A homenagem**.

Exemplos desse tipo aparecerão nas parábolas em que Cristo enuncia seu discurso na presença de pessoas, que, talvez, não pudessem entender o ensinamento que Ele queria lhes mostrar. Isso acontecia em sinal de respeito, para não chamar atenção diretamente dos superiores (escribas e fariseus) ou para não ter motivo de ser levado preso, pego em heresia.

#### X. O pedido de um milagre

Então alguns mestres da Lei e alguns fariseus disseram a Jesus:

- Mestre, queremos ver o senhor fazer um milagre.

Jesus respondeu:

- Como **as pessoas de hoje** são más e sem fé! Vocês estão me pedindo que faça um milagre, mas o milagre do profeta Jonas é o único sinal que lhes será dado. Porque assim como Jonas ficou três dias e três noites dentro de um grande peixe, assim também o Filho do Homem ficará três dias e três noites no fundo da terra. [...] (Mt. 12: 38-39).

O exemplo acima segue um contexto em que Jesus tinha acabado de realizar um grande milagre: a cura de um homem cego, mudo e dominado por um demônio. Entretanto, os fariseus atribuíram o poder miraculoso de Cristo ao diabo, e para persuadi-lo ao erro, lhe pediram um sinal milagroso. É necessário que o leitor tenha um conhecimento prévio a respeito dos fariseus e do relacionamento de Cristo com eles ao contar as parábolas, para entender que **mestres da Lei e fariseus** ancoram “as pessoas de hoje”, que são más e sem fé. Como no momento da enunciação

Cristo estava diante de uma multidão, podemos entender que Jesus não respondeu diretamente aos fariseus e mestres da Lei, com fim de confrontá-los, mas que, a partir da pergunta, Ele iniciou uma nova parábola tendo como analogia o profeta Jonas, enunciando-a a todos. Logo, mais uma vez, os fariseus não tiveram motivo para incriminá-lo.

Em outro exemplo, Jesus enuncia sua parábola colocando em cena um espírito mau:

#### XI. A volta do espírito mau

Jesus continuou:

- Quando um espírito mau sai de alguém, anda por lugares sem água, procurando onde descansar, mas não encontra. Então diz: “Vou voltar para **a minha casa**, de onde saí”. Aí volta e encontra a casa vazia, limpa e arrumada. Depois sai, vai buscar outros sete espíritos piores ainda, e todos ficam morando ali. Assim a situação daquela pessoa fica pior do que antes. E isso também acontecerá com esta gente má de hoje. (Mt. 12: 43-45)

Mais uma vez Jesus explica por meio de analogias a importância do milagre que havia realizado, e ao mesmo tempo, adverte e/ou amedronta as pessoas que, após o ato de exorcismo, permitem o espírito mau voltar. É a partir do contexto e do contexto que o leitor/ouvinte poderá inferir que “a minha casa”, dita pelo espírito mau, refere-se à pessoa que o mesmo espírito havia possuído. Essa informação aparece sob a forma do dado, apesar de não ter nenhum elemento correferencial explícito.

## 5.2. Dêiticos

Segundo Cavalcante (2011), paralelamente ao estudo de introdução referencial e de anáforas, existe o fenômeno da dêixis. Ao citar Bühler ([1934] 1982), a autora nos chama atenção para a importância dos dêiticos na significação completa de uma situação comunicativa:

(23) [...] Para construir o referente dessas expressões referenciais seria preciso analisá-las dentro de um outro campo, um campo *dêitico*, pois elas exigiriam o conhecimento do lugar ou do tempo em que se encontra o enunciador.

Palavras como *eu*, *você*, *aqui*, *ali*, *hoje*, *ontem*, *aquilo*, etc. mudam de referente em função da perspectiva que o falante toma no ato da enunciação (CAVALCANTE, 2011, p. 92).

Assim podemos concluir que, basicamente, os dêiticos são expressões referencias cujo significado completo depende da situação comunicativa.

Fillmore (apud. CAVALCANTE, 2011) subdivide os dêiticos em:  **pessoais, temporais, espaciais, sociais e discursivos textuais**. Para Cavalcante, a essa classificação deve ser acrescentado o fenômeno do **dêitico de memória**.

Os **dêiticos pessoais** são expressões referenciais que apontam para os próprios interlocutores na situação de comunicação:

As frases seguintes foram proferidas, realmente por advogados e tiradas de registros oficiais de tribunais:

- (24) **Você** tem filhos ou coisa do gênero???
- Vou mostrar-lhe a prova Prova 3 e peça que reconheça a foto.
  - Este *sou eu*.
  - **Você** estava presente quando esta foto foi tirada?
- (CAVALCANTE, 2003, p. 107)

Os **dêiticos temporais** pressupõem o tempo em que ocorre o ato comunicativo ou o tempo em que a mensagem foi enviada:

- (25) Apresentada **na última sexta-feira** pela polícia como uma das autoras do assassinato de seus pais, ocorrido no *mês passado*, em São Paulo, Suzane Richthofen, de 19 anos [...](CAVALCANTE, 2003, p. 107)

Os **dêiticos espaciais** são expressões referenciais que irão remeter ao lugar em que se encontrar o enunciador, ou que pressupõe esse local:

- (26) “Cantadas que não deram certo  
Homem: Este lugar está vago?  
Mulher: Está, e este **aqui** onde estou também vai ficar se você se sentar aí”  
(CAVALCANTE, 2003, p. 107)

Esta categoria de dêiticos, **os sociais**, se define a partir do centro dêitico do falante, sendo que tais expressões também codificam relacionamentos sociais mantidos pelos participantes da conversação (FILLMORE, apud CAVALCANTE, 2011). Assim, pode-se observar através desses dêiticos que a interação é regida por regras baseadas em comportamentos mais ou menos ritualizados. Nesse contexto, podemos verificar, também, aspectos de polidez dos participantes do ato de comunicação. Isso porque poderemos ver a relação de proximidade ou



distanciamento dosada por eles, o grau de intimidade e os propósitos comunicativos de uma situação de enunciação:

(27) [...] Saudações.

**Dr. Antônio**, desculpe a ousadia de escrever, ontem fiquei arrependida de não confessar a paixão que sinto, porque tive vergonha, vejo que o **senhor** é casado e pai de tanto filho, acho que isso não tem importância, a gente sabe de muita dona casada gostando de outro, quanto mais eu que sou donzela [...]

Sem mais, **sua criada** obrigada,  
Ismênia. (CAVALCANTE, 2011, p. 96).

Mais uma vez ressaltamos que não é de nosso interesse, aqui, realizarmos um estudo categórico sobre a polidez, uma vez que o foco da nossa pesquisa é outro, a referenciação. Entretanto, os dêiticos sociais são de suma importância para nosso estudo, pois auxiliam não só na caracterização da argumentação de Cristo, como também para entendermos os respectivos papéis sociais de seus interlocutores.

Em relação aos **dêiticos discursivos textuais**, percebemos que eles não são característicos do gênero parábolas bíblicas, pois têm como função apontar a origem da enunciação, indicar a organização das palavras no espaço do cotexto.

(28) Palas e poses

RIO DE JANEIRO – Lidas assim, nuas, sem outros balangandãs verbais que ajudem a lhes prestar sentido, **as palavras acima** parecem agora foragidas do teatro grego ou de um poema medieval. [...] (CAVALCANTE, 2011, p. 105)

Segundo Cavalcante (2011), em ocorrências como “*as palavras acima*”, a dêixis textual discursiva é somada a anáfora correferencial para indicar o local da linearidade do texto, identificando os referentes “*palas*” e “*poses*”.

Os **dêiticos memoriais** indicam quando referente tem acesso fácil na memória comum dos interlocutores e incentivam o destinatário a buscar ali a informação de que ele precisa (CAVALCANTE, 2003, p. 107).

(29) Tudo começou quando eu tinha uns 14 anos e um amigo chegou com **aquele papo de ‘experimenta**, depois, quando você quiser, é só parar...’ e eu fui na dele. Primeiro ele me ofereceu coisa leve, disse que era de ‘raiz’ [...] (CAVALCANTE, 2003, p. 108).

No exemplo acima, a expressão “aquele papo de experimenta” denuncia que o enunciador pressupõe que o destinatário compartilhe o conhecimento de como as pessoas são incentivadas a mergulhar no mundo das drogas, caracterizando o dêitico de memória.

Em nossa pesquisa, o estudo dos dêiticos nos possibilitou analisar: a produção linguística dos participantes dos atos enunciativos das parábolas; e os contextos situacionais em que tais produções ocorreram. Tomando como exemplo a parábola abaixo, podemos perceber que os dêiticos (em negrito), nos permitem caracterizar as diferentes circunstâncias do enunciado:

## XII. Arrependimento ou morte

**Naquela mesma ocasião** algumas pessoas chegaram e começaram a comentar com Jesus **como Pilatos havia mandado matar vários galileus**, no momento em que eles ofereciam sacrifícios a Deus. Então Jesus disse: — **Vocês** pensam que, se aqueles galileus foram mortos desse jeito, isso quer dizer que eles pecaram mais do que os outros galileus? De modo nenhum! Eu afirmo a vocês que, se não se arrependerem dos seus pecados, todos vocês vão morrer como eles morreram. E lembrem daqueles dezoito, do bairro de Siloé, que foram mortos quando a torre caiu em cima deles. Vocês pensam que eles eram piores do que os outros que moravam em Jerusalém? De modo nenhum! Eu afirmo a vocês que, se não se arrependerem dos seus pecados, todos vocês vão morrer como eles morreram. (Lc. 13: 1-5).

Na parábola a expressão “naquela mesma ocasião”, caracterizando um dêitico temporal, remete ao leitor à referência de um contexto anterior, no qual Jesus se encontrava ensinando para milhares de pessoas, ocasião esta descrita no capítulo 12 do mesmo livro.

Através do dêitico pessoal **vocês**, percebemos, entre os participantes do ato enunciativo em questão, uma relação de proximidade. Tal fato evidencia, também, uma característica argumentativa de Cristo, que buscava ter com seu público uma relação próxima, falando-lhes de modo direto, sem prolixidade como faziam os fariseus.

Essa relação de Jesus com seus interlocutores, também, pode ser verificada através dos **dêiticos memoriais**, quando Cristo pressupõe aos seus interlocutores o compartilhamento sobre a morte dos galileus.

### 5.3. Funções de Expressões Nominais Referenciais

Neste tópico, trataremos das principais funções das expressões nominais referenciais de diversas ordens no texto. Buscamos analisar o desempenho de funções como: **predicativa**, **metafórica**, **metonímica** e **metadiscursiva** para realizarmos nossa classificação das funções das parábolas de acordo com a orientação argumentativa de Cristo para contá-las. Todavia, não exemplificaremos, ainda, nesta seção, a análise dessas funções com dados do *corpus*, uma vez que estas serão melhores investigadas no próximo capítulo.

Nas parábolas será regular encontrarmos algumas expressões referenciais que são **ativadas** ou **reativadas** na memória do interlocutor por meio das formas nominais referenciais. Estas, por sua vez, fazem menção a algum elemento presente ou sugerido pelo contexto precedente. Koch (2001) acrescenta que essas formas referenciais, ao operarem uma recategorização ou refocalização do referente, ou no caso das informações-suporte, como as nominalizações, têm também uma função **predicativa**, vistas como híbridas, pois ao mesmo tempo são veiculadoras de **informação dada**, como de **informação nova**.

(30) A avó da criança não tinha meios para sustentá-la. **A mísera velhinha** estava à procura de alguém que quisesse adotar **o recém-nascido** cuja mãe perecera durante o parto. (KOCH, 2005, p. 91).

As **expressões nominais referenciais metafóricas** não vão exercer apenas a função de referir, mas podem operar uma avaliação do referente:

(31) De lá para cá o PT passou a ser atacado por suas brigas internas, mal que o acomete até hoje.

**Outra pedra lançada na vidraça petista** é a de que o partido só sabe criticar, sem propor nada (KOCH, 2005, p. 95).

**As expressões referenciais metonímicas** são exemplos das anáforas associativas, assunto anteriormente abordado. Nas expressões de função metonímica um novo referente textual a ser introduzido no texto é construído metonimicamente.

No caso das **expressões referenciais metadiscursivas** os referentes têm como função fazer uma categorização ou avaliação da enunciação realizada. Como no exemplo a seguir:

(32) (...) mas o que se viu na última quarta-feira, quando o suposto espetáculo deveria estrear, abrindo o 1º Festival Recife do Teatro Nacional, foi uma leitura dramatizada mal concebida e conduzida em cena.  
**A opinião** não é pessoal (...) (KOCH, 2005, p. 97).

Dentre as formas referenciais metadiscursivas Koch (2005) classifica: a) **nomes ilocucionários**, como *ordem*, *promessa*, *conselho*, etc.; b) **nomes de atividades languageiras**, tais como *descrição*, *explicação*, etc.; c) **nomes de processos mentais**, como *análise*, *suposição*, *opinião*, etc.; **nomes metalinguísticos** em sentido próprio: frase, pergunta, palavra, etc.

Diante de tudo o que foi exposto neste capítulo, o que queremos ter deixado claro é a importância das expressões nominais nos processos de construção/introdução, categorização e recategorização dos objetos de discurso. Isso porque foi a partir da análise de determinadas expressões nominais que realizamos um estudo prevendo as **funções das expressões referenciais aplicadas nas parábolas**, tendo como objetivo: 1) a compreensão do sentido do texto bíblico; 2) a identificação da orientação argumentativa de Cristo na escolha de referentes.

Enfatizamos, mais uma vez, que para nós, as expressões referenciais não são elementos coesivos que utilizamos para referir as coisas do mundo, mas são elementos cruciais na construção textual de sentido.

A construção de sentidos do texto é um processo complexo que, no caso desta pesquisa, implica também observar o contexto que envolve o locutor e interlocutor na atividade enunciativa da parábola. Pretendemos explicar como a mensagem expressa, por meio da qual os objetos de discurso são compartilhados, deve ser assimilada pelo interlocutor a partir do ato de fala usado por Cristo.

O pressuposto geral desta análise é identificar as estratégias referenciais vistas nas parábolas bíblicas atreladas às características didáticas e/ou persuasivas utilizadas por Jesus para chamar a atenção dos fiéis. Para tanto, estudamos as parábolas, primeiramente, realizando uma análise sobre a importância do léxico nas expressões referenciais, secundariamente, dividimos as parábolas em quatro funções referenciais: **predicativa**, **metafórica**, **metadiscursiva** e **metonímica**. Estas, por sua vez, carregam uma estrutura moralizante: **didáticas** com o propósito

de instruir e treinar; **evangelísticas** que visam alcançar os pobres; **proféticas de juízo** a respeito do Reino de Deus e seu juízo moral sobre a ética de Deus.

Verificamos, como já visto no capítulo anterior, que a sequência narrativa parabólica constitui-se de uma parte avaliativa; dentro dessa sequência constatamos um tipo de estrutura moralizante que aparecerá não só no final das parábolas, como também no início.

Para identificarmos, por meio dessas funções referenciais, as orientações argumentativas de Cristo, utilizamos os conceitos de atos de fala ilocucionários, pois entendemos que, através da percepção desses atos, pudemos analisar como Jesus obtinha sucesso em suas mensagens, buscando compreender também como e o porquê de ele pregar por parábolas. Assim, analisamos os objetos de discurso presentes no texto com o objetivo de investigar a orientação ilocucionária de Cristo, de forma que fosse visto todo o ato da enunciação.

## **6. A REFERENCIAÇÃO E SUAS FUNÇÕES EM PARÁBOLAS**

Nesta parte, queremos mostrar, através das funções referencias predicativa, metafórica, metadiscursiva e metonímica, que os objetos de discurso presentes nas parábolas têm função argumentativa no texto. Essas funções referenciais nos auxiliam contemplar toda a situação comunicativa das parábolas, contribuindo também na interpretação de alguns atos ilocutórios determinantes para o entendimento do texto. Entretanto, antes de detalharmos as análises das funções referenciais nas parábolas bíblicas; consideramos discutir sobre a importância do léxico para o estudo da referenciação nesse gênero textual-discursivo.

### **6.1. As Expressões nominais referenciais na argumentação em parábolas**

Focalizamos nesta parte, a importância das expressões nominais referenciais, que, de certa forma, influenciam na escolha do referente por parte do locutor. Acreditamos que essas escolhas dos referentes não foram feitas aleatoriamente, e que, através delas, podemos perceber uma orientação argumentativa de Cristo.

#### **6.1.2. A categorização/recategorização dos objetos de discurso: a simbologia do bem/mal**

Segundo Koch (2008), no interior de uma perspectiva enunciativa tem-se na categorização e recategorização uma função argumentativa. Isso porque o locutor, ao recategorizar um objeto já categorizado anteriormente, o faz sob novas luzes, procurando chamar atenção para novas propriedades e qualidades.

Os referentes lexicais presentes nas parábolas bíblicas representam, em grande maioria, objetos de discurso que simbolizam o bem ou o mal. Esse paradoxo será a base para o entendimento moralístico das parábolas. Através da escolha de referentes que representam Jesus e coisas relativas ao bem, e o Diabo e

coisas relativas ao mal; percebemos uma orientação argumentativa de Cristo que didaticamente explica as características de uma pessoa boa, que se assemelham a Ele, e as características de uma pessoa ruim, esta não tem o direito à vida eterna. Essa qualificação do objeto de discurso é crucial para entender o ensinamento que subjaz à parábola.

Vimos ser inerente ao gênero a parte inicial do texto com expressões indefinidas, categorizando os referentes, e posteriormente, expressões definidas, geralmente, acompanhadas de modificadores que retomam ou recategorizam o referente anteriormente mencionado.

Os dados a seguir têm como intento mostrar a importância do léxico nesses processos de referenciação, principalmente, buscar entender como se constrói a argumentação ética e moral a respeito do Reino de Deus que Jesus pregava.

Veremos que, na parábola abaixo, as descrições definidas ou indefinidas terão uma função avaliativa, ou seja, “[...] vão trazer ao leitor/ouvinte informações importantes sobre as opiniões e crenças sobre o produtor do texto, auxiliando-o na construção de sentido” (KOCH, 2005, p. 269).

### XIII. A parábola do administrador desonesto

Jesus disse aos seus discípulos:

— Havia **um homem rico** que tinha **um administrador** que cuidava dos seus bens. Foram dizer a **esse homem** que **o administrador** estava desperdiçando o dinheiro dele. Por isso ele o chamou e disse: “Eu andei ouvindo umas coisas a respeito de você. Agora preste contas da sua administração porque você não pode mais continuar como meu administrador.”

— Aí o administrador pensou: “**O patrão** está me despedindo. E, agora, o que é que eu vou fazer? Não tenho forças para cavar a terra e tenho vergonha de pedir esmola. Ah! Já sei o que vou fazer... Assim, quando for mandado embora, terei amigos que me receberão nas suas casas.”

— Então ele chamou todos os devedores do patrão e perguntou para o primeiro: “Quanto é que você está devendo para o meu patrão?”

— “Cem barris de azeite!” — respondeu ele. O administrador disse: — “Aqui está a sua conta. Sente-se e escreva cinquenta.”

— Para o outro ele perguntou: “E você, quanto está devendo?” — “Mil medidas de trigo!” — respondeu ele. — “E escreva oitocentas!” — mandou o administrador.

— E o patrão **desse administrador desonesto** o elogiou pela sua esperteza.

E Jesus continuou:

— As pessoas deste mundo são muito mais espertas nos seus negócios do que as pessoas que pertencem à luz. Por isso eu digo a vocês: usem as riquezas deste mundo para conseguir amigos a fim de que, quando as riquezas faltarem, eles recebam vocês no lar eterno. Quem é fiel nas coisas

pequenas também será nas grandes; e quem é desonesto nas coisas pequenas também será nas grandes. Pois, se vocês não forem honestos com as riquezas deste mundo, quem vai pôr vocês para tomar conta das riquezas verdadeiras? E, se não forem honestos com o que é dos outros, quem lhes dará o que é de vocês?

— Um escravo não pode servir a dois donos ao mesmo tempo, pois vai rejeitar um e preferir o outro; ou será fiel a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e também servir ao dinheiro.(Lc. 16: 1-13).

No texto acima, podemos entender que a introdução dos referentes **um homem rico** e **um administrador**, por meio de expressões nominais indefinidas, caracteriza uma ação consciente do locutor (Jesus), para criar um efeito de suspense na caracterização das personagens que serão descritas no decorrer da parábola.

Acreditamos que esse fator somado ao ato assertivo “Vocês não podem servir a Deus...”, mencionado no final da parábola, simbolizam uma forma didática para o ato de contar histórias, sendo que a reflexão final deve levar os interlocutores a entenderem o ensinamento que se encontra dentro da história narrada.

O referente **o administrador**, inicialmente, é categorizado no texto sem um valor avaliativo, só que no decorrer da história, essa avaliação acontece de modo negativo, pois o administrador passa a ser recategorizado como um homem desonesto. Nesse caso a orientação argumentativa de Cristo reflete-se na mudança qualitativa deste referente como sendo desonesto, trazendo, assim, uma avaliação final do texto na qual Jesus incita aos seus seguidores a terem uma vida humilde e honesta. Essa avaliação enquadra-se na estrutura moralizante evangelística, uma vez que Jesus se preocupava mais com os pobres do que com os ricos, ressaltando um pensamento contrário à ambição. Também fica evidente tal avaliação evangelística, através da análise dos papéis sociais desempenhados pelos dêiticos pessoais como **você** e **ele** relacionados ao administrador; e na recategorização do referente **esse homem** para **o patrão**, que é representado pela fala do administrador.

#### XIV. Os lavradores maus

Jesus disse:

— Escutem outra parábola: certo agricultor fez uma plantação de uvas e pôs uma cerca em volta dela. Construiu um tanque para pisar as uvas e fazer vinho e construiu uma torre para o vigia. Em seguida, arrendou a



plantação para **alguns lavradores** e foi viajar. Quando chegou o tempo da colheita, o dono mandou alguns empregados a fim de receber a parte dele. Mas os lavradores agarraram os empregados, bateram num, assassinaram outro e mataram ainda outro a pedradas. Aí o dono mandou mais empregados do que da primeira vez. E os lavradores fizeram a mesma coisa. Depois de tudo isso, ele mandou o seu próprio filho, pensando: “O meu filho eles vão respeitar. Mas, quando os lavradores viram o filho, disseram uns aos outros: “Este é o filho do dono; ele vai herdar a plantação. Vamos matá-lo, e a plantação será nossa.”

— Então agarraram o filho, e o jogaram para fora da plantação, e o mataram.

Aí Jesus perguntou:

— E agora, quando o dono da plantação voltar, o que é que ele vai fazer com aqueles lavradores?

Eles responderam: — Com certeza ele vai matar **aqueles lavradores maus** e vai arrendar a plantação a **outros**. E estes lhe darão a parte da colheita no tempo certo.

Jesus então perguntou: — Vocês não leram o que as Escrituras Sagradas dizem? “A pedra que os construtores rejeitaram veio a ser a mais importante de todas. Isso foi feito pelo Senhor e é uma coisa maravilhosa!”

E Jesus terminou: — Eu afirmo a vocês que o Reino de Deus será tirado de vocês e será dado para as pessoas que produzem os frutos do Reino. (Mt. 21:33-43)

Nessa parábola, o referente **lavradores** será introduzido no texto, inicialmente, de forma pronominal indefinida, para ser retomado de forma avaliativa posteriormente. Essa avaliação aparece numa resposta dos interlocutores, que são os que caracterizam negativamente o objeto de discurso **aqueles lavradores maus**.

Observe que Jesus, ao contar a parábola, já havia retomado o referente com o demonstrativo, mas o modificador qualitativo negativo foi dado pelos ouvintes. Podemos perceber, então, como Jesus constrói sua argumentação levando seus interlocutores a construírem um conceito em relação ao objeto de discurso. Nessa interlocução, Jesus se utilizou da memória discursiva do seu interlocutor, através do dêitico memorial, para levá-lo a construir a referenciação (det + N+ modificador), que será central no entendimento do texto.

A argumentação persuasiva de Cristo baseia-se numa linguagem bem conhecida de seus ouvintes judeus, descrevendo-lhes uma vinha em todos os seus detalhes.

Segundo Locyer (1999), sinteticamente podemos entender a parábola da seguinte forma: no Antigo Testamento, a videira será vista como uma das mais excelentes plantas que exige cuidados extremos, mas quem dela cuidava era abençoado ricamente. (Ver em Sl. 80:8-15 e Is. 5:1-7). Esta é representada

simbolicamente por Israel e seu agricultor ou o dono da vinha e a lei judaica com todas as suas ordenanças.

O tanque construído ilustra o cuidado que as pessoas deveriam ter com os frutos (aquilo que elas semeiam) ou também simbolizar a relação de Israel e o cuidado com as leis.

A torre de vigia ilustra o agricultor divino que protegia e vigiava o seu povo desde os tempos passados. Sendo que **os lavradores** representam as autoridades de Israel, que, mesmo postos em uma vinha rica de promessas e exemplos, sendo representantes do proprietário; traíram a confiança dele.

Nesse caso, Jesus estava falando dos Israelitas no Egito e do êxodo, onde eles tiveram inicialmente a presença de Deus, mas como não lhe obedeceram, tiveram de andar por fé e não por vista. (Ver Dt. 34:10-12). Os empregados podem ser entendidos simbolicamente como os profetas, os embaixadores do agricultor (Deus), cuja função é lembrar aos lavradores (o povo de Israel) suas obrigações perante o agricultor (Deus).

É válido lembrar que os líderes judeus perturbavam-se com os profetas, pois achavam que eles lhes roubavam o respeito do povo, por isso, no contexto bíblico muitos foram mortos: Isaías foi serrado em partes; Jeremias apedrejado; Amós assassinado com um bastão, entre outros exemplos cruéis.

Por fim, como última ilustração, temos o agricultor que envia seu herdeiro (Jesus). Assim, Jesus prediz sua morte diante de seus algozes, sem eles terem esse entendimento. Jesus, então, pergunta aos fariseus como o dono da vinha deveria proceder com os lavradores, e eles emitem uma sentença contra si mesmos, sem saberem o que estavam fazendo.

Jesus termina a parábola com um ato assertivo, cujo significado retoma a analogia da videira como uma boa fruta, na qual aqueles que a produzirem ou a representarem (o povo de Deus), serão parte de Deus e do seu reino.

## XV. O fermento

Jesus contou mais esta parábola para o povo:

— **O Reino do Céu é como o fermento que uma mulher pega e mistura em três medidas de farinha, até que ele se espalhe por toda a massa.**  
(Mt. 13:33)

Já mencionamos neste trabalho a respeito das categorizações. Em nossas análises, percebemos que alguns referentes foram categorizados, com uma maior

regularidade de forma predicativa, no interior de parábolas curtas, ou como chamaremos aqui, de **microparábolas**. Essas pequenas narrativas têm como característica a comparação através de uma estrutura do tipo: “O Reino do Céu é como...”. Dessa forma, o objeto de discurso **o reino do céu** é categorizado predicativamente como: grão de mostarda, fermento, tesouro escondido, pérola, rede, etc. Mais uma vez ressaltamos a importância do léxico na composição das expressões referenciais, uma vez que ele representa os elementos de fácil conhecimento do povo daquela época, facilitando no entendimento das metáforas e das comparações que Jesus propunha através das parábolas.

Nesta microparábola, Jesus mostra concomitantemente a corrupção doutrinária da Igreja e como deveria ser pregado o Evangelho. **O Reino de Deus** dentro dessa estrutura predicativa será categorizado como **o fermento**. Locyer (1999) nos chama atenção dizendo que a interpretação correta do Reino do Céu é “um fermento que uma mulher pega e transforma em três medidas de farinha, até que ele se espalhe por toda a massa”. Logo, deve-se olhar para toda a sentença, buscando ver como o objeto de discurso será categorizado. Assim, a categorização do referente acontece por anáfora inferencial, pois as informações do cotexto ancoram o entendimento da utilidade de um fermento, que deve ser compartilhado com os interlocutores. Vale ressaltar que para os judeus o fermento representava o mal e devemos observar o referente dentro desse contexto, pois parecia ser o que Jesus queria mostrar. A parábola ilustra que o evangelho não estava sendo pregado segundo a vontade de Deus, pois os legalistas de Israel o corrompiam, não pregando o essencial: a fé, a esperança e o amor, tentando fazê-lo crescer forçosamente.

#### XVI. A parábola do joio

Jesus lhes contou outra parábola, dizendo: “**O Reino dos céus** é como **um homem** que semeou boa semente em seu campo. Mas enquanto todos dormiam, veio **o seu inimigo** e semeou **o joio** no meio do trigo e se foi. Quando **o trigo** brotou e formou espigas, o joio também apareceu. Os servos do dono do campo dirigiram-se a ele e disseram: “O senhor não semeou boa semente em seu campo? Então, de onde veio o joio?” “Um inimigo fez isso”, respondeu ele.

Os servos lhe perguntaram: “O senhor quer que o tiremos?”

Ele respondeu: “Não, porque, ao tirar o joio, vocês poderiam arrancar com ele o trigo. Deixem que cresçam juntos até a colheita. Então direi aos encarregados da colheita: juntem primeiro o joio e amarrem-no em feixes para ser queimado; depois juntem o trigo e guardem-no no **meu celeiro**”. (Mt 13: 24-30)

A progressão textual a partir dos objetos de discurso nos permite chegar a uma construção de sentido do texto como um todo. Essa parábola tem como temática a mistura do mal com o bem, que vão ser categorizados como **o trigo** e **o joio**. Note que, nesse contexto, as descrições definidas (Det + nome) o joio e o trigo apresentam propriedades avaliativas: o bem ou o mal, uma vez que no texto estabelecem relação de sentido com os referentes: **o reino dos céus, os servos, o senhor**, representando o bem; e **o seu inimigo**, caracterizando o mal.

**Os servos** poderão ser representados por aqueles que farão parte do Reino dos céus, ou seja, os filhos de Deus. Isso porque, partimos do pressuposto de que a expressão **o senhor** estará se referindo ao próprio Jesus, que seria o dono do campo, neste caso, campo significa a Igreja, e, portanto Jesus, o senhor dos servos. Jesus, o senhor, orientará os seus servos em como será a colheita, sendo que **o joio** (os maus) será queimado e **o trigo** (os bons) guardado no celeiro. Seguindo essa lógica apresentada, podemos entender que a descrição definida **o reino dos céus** vai ser recategorizada como **o meu celeiro**, caracterizando o lugar para alocação do trigo.

A expressão **o seu inimigo** faz referência ao Diabo, já que este é representado no contexto bíblico como o inimigo de Jesus e da sua igreja. É interessante notar que, primeiramente, no texto, a referência ao inimigo aparece de forma definida “o seu inimigo”. Sendo depois retomado pela descrição indefinida um inimigo. Essa análise nos possibilitou entender que um homem, mencionado logo no início do texto, refere-se a Jesus, que é quem planta a boa semente, em seu campo a Igreja. O uso proposital da expressão indefinida **um homem** cria não só um efeito de suspense em relação ao referente, mas, também, o efeito de ocultar o referente. Ou seja, Jesus falava por meio de parábolas, não só porque era de fácil entendimento para as pessoas, mas porque, também, não eram todos que poderiam ouvir e entender o que Ele estava falando. É bom lembrar que, no contexto dessa parábola, Jesus ainda, não tinha se manifestado para as pessoas como o Filho de Deus e salvador. Ele teve todo um cuidado para falar sobre as profecias divinas, principalmente, em relação ao reino dos céus, para não correr o risco de ser pego pela acusação dos fariseus.

A retomada de um antecedente também pode efetuar-se por meio de expressões sinônimas ou parassinônimas, que são expressões quase sinônimas

(KOCH, 2005). Veremos como a escolha de expressões sinonímicas irá constituir uma opção estilística do produtor do texto.

### XVII. A parábola do grão de mostarda

Novamente ele disse: “Com que compararemos o Reino de Deus? Que parábola usaremos para descrevê-lo? É como **um grão de mostarda**, que é **a menor semente** que se planta na terra. No entanto, uma vez plantada, cresce e se torna uma das maiores plantas, com ramos tão grandes que as aves do céu podem abrigar-se à sua sombra”. (Mc. 4: 30 -32)

Nesse caso, podemos observar que o objeto de discurso **um grão de mostarda** foi retomado por meio da expressão sinônima **a menor semente**. A utilização de sinônimos de implicação anafórica, de natureza correferencial, na retomada do referente, atribui um novo valor a ele: “É comum que um anafórico apreenda o referente sob uma denominação que constitui um sinônimo mais ou menos aproximado da designação presente no cotexto (parassinonímia), podendo trazer, inclusive, informações inéditas a respeito dele, justamente por designá-lo por outro nome [...] (KOCH, 2005).

Vale destacar a progressão referencial que pode ser construída inferencialmente através do cotexto, construindo o referente árvore. Este não foi mencionado no cotexto, mas as informações presentes na sequência narrativa “uma vez plantada, cresce e se torna uma das maiores plantas, com ramos tão grandes que as aves do céu podem abrigar-se à sua sombra”, possibilita que tal referente seja ancorado e compartilhado entre os participantes do ato de enunciação. Na parábola, **o Reino de Deus**, comparado e categorizado **a um grão de mostarda**, está recebendo um novo valor metafórico, que corresponde à propagação do evangelho que é semeado pelo Filho de Deus. Este inicialmente foi pequeno, sendo recategorizado como **a menor semente**, crescendo e alcançando proporções gigantescas. Entendemos que esse novo valor é um fator argumentativo, pois, assim, Jesus exemplifica a analogia do Reino de Deus com o grão de mostarda.

A seleção de termos que fazem parte do mesmo campo lexical garante a progressão referencial, portanto, a continuidade de sentidos no texto. Segundo

Ingedore Koch “[...] A ativação de elementos componentes do mesmo esquema cognitivo, por meio da utilização de um mesmo campo lexical é responsável pela manutenção do tema ou tópico discursivo” (KOCH, 2009, p. 84). Na parábola, “a menor semente” mantém a ideia do tamanho diminuto do “grão de mostarda”. Ambos os termos fazem referência ao “Reino de Deus”, caracterizando estratégias de negociação, marcadas sociocognitiva e historicamente, visto que, para ter o entendimento dessa parábola, deve-se levar em conta o contexto histórico e social do texto, na época de Cristo.

Também é relevante observar que essa seleção lexical tem uma função expressiva, pois observamos que o gênero textual parábola, cujo viés é ensinar por meio de elementos simbólicos, de certa forma, poderá ser propício para utilização do léxico sinonímico: “A seleção lexical de um sinônimo adequado, para operar a remissão é, em grande parte, determinada pelo gênero textual e/ou pela variedade de língua utilizada, podendo, ainda, constituir uma opção estilística” (KOCH, 2005, p. 265).

## 6.2. Parábolas com função predicativa: o ensino por meio de ilustrações

Dentre as funções das formas nominais referenciais cognitivas, apresentamos as funções de alocação ou focalização e a função predicativa. A primeira relaciona-se à remissão a elementos apresentados anteriormente no texto ou sugeridas pelo cotexto, possibilitando a reativação ou focalização na memória do interlocutor (KOCH, 2005). A segunda, à recategorização ou refocalização dos referentes com formas híbridas e predicativas. É o caso da tematização remática, vista no capítulo 5.

### XVIII. A ovelha perdida

Certa ocasião, muitos cobradores de impostos e outras pessoas de má fama chegaram perto de Jesus para o ouvir.

Os fariseus e os mestres da Lei criticavam Jesus, dizendo: — Este homem se mistura com gente de má fama e toma refeições com eles.

Então Jesus contou esta parábola:

— Se algum de vocês tem cem ovelhas e perde uma, por acaso não vai procurá-la? Assim, deixa no campo **as outras noventa e nove** e vai procurar **a ovelha perdida** até achá-la.

Quando a encontra, fica muito contente e volta com ela nos ombros.

Chegando à sua casa, chama os amigos e vizinhos e diz: “Alegrem-se comigo porque achei a minha ovelha perdida.”

— Pois eu lhes digo que assim também vai haver mais alegria no céu por um pecador que se arrepende dos seus pecados do que por noventa e nove pessoas boas que não precisam se arrepender. (Lc. 15:1-7)

No contexto dessa parábola, Jesus tomou um menino e o colocou no meio dos discípulos e ensinou-lhes sobre a humildade que precisavam possuir. Ao empregar a ilustração das ovelhas perdidas, Jesus mostrou o valor de uma criança, a figura que nos demonstra o conceito de grandeza do seu reino. No texto, os referentes **as outras noventa e nove** e **a ovelha perdida** são, respectivamente, ativados e reativados na relação: a quantidade de ovelhas/ ovelha perdida.

A focalização simbólica na ovelha perdida representa a estrutura moralizante profética de juízo, uma vez que na cultura cristã **ovelha** representa o israelita ou alguém que faça parte do “rebanho” de Deus. Através do ato assertivo “Pois eu lhes digo que assim também vai haver mais alegria no céu por pecador arrependido”, podemos compreender a profecia por trás da parábola que se relaciona com o pecador e o ato de se arrepender dos pecados, significando: o pecador tendo um encontro com Deus.

#### **XIX. O hábito de julgar os outros**

— Não julguem os outros, e Deus não julgará vocês. Não condenem os outros, e Deus não condenará vocês. Perdoem os outros, e Deus perdoará vocês. Deem aos outros, e Deus dará a vocês. Ele será generoso, e **as bênçãos** que ele lhes dará serão tantas, que vocês não poderão segurá-las nas suas mãos. A mesma medida que vocês usarem para medir os outros Deus usará para medir vocês. (Lc. 6:37-38)

No exemplo acima é possível observar que a expressão destacada é uma forma híbrida, pois ao mesmo tempo em que se encontra ancorada em um segmento anterior, concomitantemente, permite a continuidade do texto. A introdução do objeto de discurso **as bênçãos** não causa surpresa ao leitor, pois está ancorada na informação, sobre **as dádivas de Deus**, representada nas sequências textuais anteriores. Podemos dizer que essa referenciação também é predicativa, porque caracteriza a ação de Deus a ser realizada com os que a Ele obedecem.

### **6. 3. Parábolas com função metafórica: a exortação por analogias**

Na recategorização metafórica a escolha da metáfora é importante, para que possamos avaliar e perceber uma orientação argumentativa do texto (KOCH, 2005). Concordamos também com Lima (2003) que os limites do processo de uma recategorização metafórica vão além da superfície textual e não necessariamente se pendem a uma remissão ancorada no cotexto. Nas parábolas bíblicas Jesus transformava provérbio antigo em metáforas dentro do contexto que queria dar às parábolas.

#### **XX. Parábola do caniço e dos que trajam ricamente**

Quando acabou de dar essas ordens aos seus doze discípulos, Jesus saiu daquele lugar e foi ensinar e anunciar a sua mensagem nas cidades que ficavam perto dali.

João Batista estava na cadeia e, quando ouviu falar do que Cristo fazia, mandou que alguns dos seus discípulos fossem perguntar a ele:

— O senhor é aquele que ia chegar ou devemos esperar outro?

Jesus respondeu:

— Voltem e contem a João o que vocês estão ouvindo e vendo. Digam a ele que os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e os pobres recebem o evangelho. E felizes são aqueles que não abandonam a sua fé em mim!

Quando os discípulos de João foram embora, Jesus começou a dizer ao povo o seguinte a respeito de **João**:

— O que vocês foram ver no deserto? **Um caniço sacudido pelo vento?**

O que foram ver? **Um homem bem vestido?** Ora, os que se vestem bem moram nos palácios. Então me digam: o que esperavam ver? **Um profeta?** Sim. E eu afirmo que vocês viram muito mais do que um profeta. (Mt. 11:1-9).

Nesta parábola, Jesus testemunha a respeito de João Batista, por meio de três perguntas metafóricas: “Um caniço agitado pelo vento?” “Um homem bem vestido?” “Um profeta?” Observe que o objeto de discurso João é recategorizado metaforicamente, primeiro como um caniço que existia às margens do Jordão e era símbolo de fragilidade. Mesmo crescendo uns seis metros de altura, os caniços eram finos e fracos e, por serem instáveis, eram facilmente agitados e balançados pelos ventos que varriam o vale. Muitos viam João como um pregador oscilante, facilmente influenciável por sentimentos populares; um homem bem vestido só era encontrado nos palácios do rei e não preso, como João estava. Com isso, Jesus mostra duas características que João tinha, e que o qualificavam como profeta: não seguia qualquer vã doutrina e não se interessava em vestir roupas finas, o que representava desejo de ter uma vida humilde. A confirmação dessa ideia aparece, então, no ato assertivo, no qual Jesus deixa claro que João Batista era o profeta que



falaria a respeito de Cristo. Ao mesmo tempo que essa parábola é didática, pois Jesus argumenta por meio de comparações de fácil entendimento, levando a seus interlocutores a entenderem o que queria dizer; ela também é evangelística, pois tem como foco mostrar sobre quem as Escrituras Sagradas falavam, no caso, João Batista o profeta que anunciaria a respeito de Jesus.

#### XXI. Parábola sobre a impureza

Jesus chamou a multidão e disse:

— **Escutem e entendam!** Não é o que entra pela boca que faz com que alguém fique impuro. Pelo contrário, o que sai da boca é que pode tornar a pessoa impura. Então os discípulos chegaram perto dele e disseram: — Sabe que os fariseus ficaram escandalizados com o que o senhor disse? Jesus respondeu: — Toda planta que o meu Pai, que está no céu, não plantou será arrancada. Não se preocupem com **os fariseus. São guias cegos.** E, quando **um cego guia outro**, os dois acabam caindo num buraco. (Mt. 15:10-14)

Jesus inicia seu discurso com um ato diretivo, enfatizando que sua fala deveria ser ouvida e entendida. Nesse contexto, estavam com Jesus não só os seus discípulos, mas alguns fariseus e mestres da lei que o interrogavam sobre a tradição dos judeus, os quais não estavam satisfeitos com a resposta dele (Ver Mt.15). Os discípulos preocupados interrogam intimamente Jesus, ao que se utiliza da metáfora para falar dos fariseus. O objeto de discurso **os fariseus** será retomado na construção predicativa “os fariseus são guias cegos”, através de uma expressão nominal indefinida **um cego**. Vimos, no capítulo 1, que tal função referencial pode ocorrer quando se destaca um referente em relação aos demais. Através dessa relação podemos perceber que Jesus constrói argumentativamente seu ensinamento parabólico de modo sutil, mas alertando aos seus ouvintes sobre quem pregava o verdadeiro ensino da Bíblia.

#### 6.4. Parábolas com função metadiscursiva: as relações de poder na atividade enunciativa

Segundo Jubran (2010) o processo de rotulação metalinguística ou metadiscursiva, diferentemente das demais estratégias de progressão referencial, apresenta entidades que focalizarão a atividade enunciativa:

a) **atos ilocucionários** designados por: ordem, promessa, conselho, advertência, crítica, etc;

b) **atividades linguageiras**, designadas por: descrição, explicação, relato, esclarecimento, comparação, comentário, ilustração, etc;

c) **processos mentais**, designados por: análise, suposição, conceito, convicção, avaliação, constatação, etc;

d) **atributos metalinguísticos**, designados por: frase, pergunta, sentença, palavra, termo, parágrafo, etc.

O exemplo abaixo enquadra-se na função metadiscursiva de atos ilocucionários:

#### XXII. Parábola dos dois filhos

Jesus continuou: — E o que é que vocês acham disto? Certo homem tinha dois filhos. Ele foi falar com o mais velho e disse: “Filho, hoje você vai trabalhar na minha plantação de uvas.”

— Ele respondeu: “Eu não quero ir.” Mas depois mudou de idéia e foi.

— O pai foi e deu ao outro filho **a mesma ordem**. E este disse: “Sim, senhor.” Mas depois não foi.

— Qual deles fez o que o pai queria? — perguntou Jesus. E eles responderam: — O filho mais velho. Então Jesus disse a eles: — Eu afirmo a vocês que isto é verdade: os cobradores de impostos e as prostitutas estão entrando no Reino de Deus antes de vocês [...] (Mt. 21:28-31)

Na parábola acima, a expressão nominal **a mesma ordem** sintetiza e remete anaforicamente à fala do pai, categorizando-a como um ato diretivo de ordem. Nesse caso, concordamos com Jubran (2010) que uma expressão anafórica pode deslocar o foco do texto para o plano da enunciação. Jesus ao contar a história sintetiza a fala anterior “Filho hoje você vai trabalhar na minha plantação de uvas”, focalizando esse ato enunciativo. É válido observar também, neste contexto, os dêiticos sociais caracterizando a posição social dos interlocutores, sendo que, no ato da enunciação, o papel de autoridade é representado pelo pai, ao ser considerado como senhor; e o papel de subordinação é representado pela designação dos filhos.

O sentido do texto relaciona-se ao atendimento a tal ato. Percebemos também nessa parábola uma orientação argumentativa de Jesus, que busca levar os seus interlocutores às respostas que ele queria lhes mostrar. O primeiro filho que responde não querer ir, mas depois se arrepende e atende à ordem do pai,

representa os pecadores que serão, posteriormente, caracterizados por Cristo como os cobradores de impostos e as prostitutas, pessoas que pecam, entretanto, ao ouvirem sobre Deus e seu Reino, se arrependem.

O segundo filho que responde inicialmente “sim”, mas não atende à vontade do pai, representa os fariseus, para quem Jesus falava e que não o compreendiam. Estes não foram categorizados explicitamente no texto. Todavia, se olharmos para o contexto do capítulo (ver Mt. 21), Jesus estava pregando no Templo, quando chegaram os fariseus lhe propondo questões relacionadas à sua origem. Observe que Jesus não fala explicitamente que ele era o Filho de Deus, mas insinua que eles, com suas atitudes, provavelmente não entrariam no Reino de Deus. Através desta estratégia argumentativa de responder com outra pergunta, Jesus não se compromete diante da sua fala, uma vez que ainda não era hora de ser reconhecido como o Filho de Deus; mas também não deixa de dizer o que pensa sobre seus interlocutores.

Essa estratégia também será vista na próxima parábola, entretanto, como Jesus fala somente para os seus discípulos, ele mesmo é quem responde a pergunta, pois através desse ato assertivo, leva-os a entender a supremacia de Deus diante dos seus servos. As rotulações metalinguísticas recategorizam todo ato enunciativo de um personagem representado por um dos discípulos que deveriam se colocar no papel de Senhor. Assim, percebemos como essa função referencial, nas parábolas, não só recategoriza o ato enunciativo anterior, como também, por meio dela, podemos entender as relações de poder, como quem ditava as ordens e quem deveria atendê-las.

Jesus através dessa parábola ensina a hierarquia do Reino de Deus, em que Deus é Pai, ser superior, e os homens, filhos, servos a serviço do seu reino.

### XXIII. Parábola do dever do empregado

Jesus disse: — Façam de conta que um de vocês tem um empregado que trabalha na lavoura ou cuida das ovelhas. Quando ele volta do campo, será que você vai dizer: “Venha depressa e sente-se à mesa”? Claro que não! Pelo contrário, você dirá: “Prepare o jantar para mim, ponha o avental e me sirva enquanto eu como e bebo. Depois você pode comer e beber.” Por acaso o empregado merece agradecimento porque obedeceu **às suas ordens**? Assim deve ser com vocês. Depois de fazerem tudo **o que foi mandado**, digam: “Somos empregados que não valem nada porque fizemos somente o nosso dever.” (Lc. 17: 7-10).

Essa parábola tem uma composição textual um pouco diferente das demais. Nesta, Jesus convida literalmente seus interlocutores a participarem da história que seria contada. Jesus não tem receio em se comprometer com a sua fala. Dessa forma, na parte final da parábola, Ele se coloca juntamente com os discípulos no papel de empregado, este deve ter uma vida de servidão a Deus por dever, não por merecimento. Dessa forma, percebemos no texto a estrutura moralizante evangelística por ter como foco o ensino sobre a humildade.

## 6.5 Parábolas com função metonímica: os juízos de valor por meio das analogias

Esta função vai ser característica das **anáforas associativas**, cuja estratégia consiste, segundo (KOCH, 2008, p.5):

[...] no emprego de expressões definidas anafóricas, sem a presença de um referente explícito no texto, mas que é inferível a partir de outros objetos nele explícitos, que funcionam como âncoras. Em outras palavras, trata-se de uma configuração discursiva em que se tem um anafórico sem antecedente literal explícito (portanto, não condicionado morfossintaticamente por um SN anterior), cuja ocorrência pressupõe um denotatum implícito, que pode ser reconstruído, por inferência, a partir de algum elemento do cotexto precedente.

Ela também afirma que, em muitos casos, um novo referente textual introduzido é construído metonimicamente. Jesus utilizou-se de pequenas ilustrações cujos referentes são construídos no texto estabelecendo uma relação metonímica da parte pelo todo.

### XXIV. A vingança

— Vocês ouviram o que foi dito: “Olho por olho, dente por dente.” Mas eu lhes digo: não se vinguem dos que fazem mal a vocês. Se alguém lhe der um tapa na cara, vire o outro lado para ele bater também. Se alguém processar você para tomar **a sua túnica**, deixe que leve também **a capa**. Se um dos soldados estrangeiros forçá-lo a carregar uma carga um quilômetro, carregue-a dois quilômetros. Se alguém lhe pedir alguma coisa, dê; e, se alguém lhe pedir emprestado, empreste. (Mt. 5:38-42)

No excerto, a referência estabelece uma intertextualidade com o provérbio popular “Olho por olho, dente por dente”, que tem base nos mandamentos ditos por Moisés. Jesus, para exemplificar que tal mandamento é errôneo e pregar atitudes para o bom convívio social, utiliza-se de uma estrutura argumentativa que tem como ideia principal “o dar sem receber nada em troca”, configurada na metonímia parte “a capa” pelo todo “a túnica”. Se uma pessoa te processar e quiser tomar toda a sua túnica (vestimenta que era usada sob o manto ou a capa), você deverá deixar também que levem “a capa”. Outras parábolas como a “Do cisco e a trave” aparecem em exortações “didáticas sociais”, cujos elementos simbólicos principais configuram o ensino sobre os costumes que deveriam ser seguidos:

#### XXV. A parábola do cisco e da trave

Por que é que você vê **o cisco** que está no olho do seu irmão e não repara **na trave de madeira** que está no seu próprio olho? Como é que você pode dizer ao seu irmão: “Me deixe tirar **esse cisco** do seu olho”, quando você está com uma trave no seu próprio olho? Hipócrita! Tire primeiro **a trave** que está no seu olho e então poderá ver bem para tirar **o cisco** que está no olho do seu irmão. (Mt. 7:3-5)

Aqui, também se tem uma referência associativa da parte pelo todo. O cisco é uma pequena lasca da trave. Segundo Ellicot (apud Locyer 1999), o substantivo grego traduzido significa um “talo” ou “renovo” e não uma partícula de poeira voando pelo ar e que comumente cai nos olhos. A “trave” significa uma parte grande de madeira que dificilmente caberia dentro do olho de alguém. Com essa analogia Jesus sinteticamente prega que os que encontram defeitos nos outros, de alguma forma, têm as mesmas falhas que reprovam.

Essa ilustração é familiar aos judeus e é encontrada nos provérbios e sátiras dos professores daquele povo. Tem como significado estar pronto às necessidades dos outros e estar cegos aos seus próprios defeitos.

#### XXVI. Jesus, os fariseus e os mestres da lei

**Quando Jesus acabou de falar**, um fariseu o convidou para jantar na casa dele. Jesus foi e sentou-se à mesa. O fariseu ficou admirado quando viu que Jesus não tinha se lavado antes de comer.

Então o Senhor disse a **ele**: — **Vocês**, fariseus, lavam o copo e o prato por fora, mas por dentro vocês estão cheios de violência e de maldade.

Seus tolos! Quem fez o lado de fora não é o mesmo que fez o lado de dentro?

Portanto, dêem aos pobres o que está dentro dos seus copos e pratos, e assim tudo ficará limpo para vocês.

— Ai de vocês, fariseus! Pois dão para Deus a décima parte até mesmo da hortelã, da arruda e de todas as verduras, mas não são justos com os outros e não amam a Deus. E são exatamente essas coisas que vocês devem fazer sem deixar de lado as outras.

— Ai de vocês, fariseus! Pois gostam demais dos lugares de honra nas sinagogas e gostam de ser cumprimentados com respeito nas praças.

— Ai de vocês! Pois são como sepulturas que não se vêem, sepulturas que as pessoas pisam sem perceber.

Então um mestre da Lei disse a Jesus: — **Mestre**, falando assim, o senhor está nos ofendendo também.

Jesus respondeu: — Ai de vocês também, mestres da Lei! Porque põem fardos tão pesados nas costas dos outros, que eles quase não podem agüentar. Mas vocês mesmos não ajudam, nem ao menos com um dedo, essas pessoas a carregar esses fardos.

Ai de vocês! Pois fazem túmulos bonitos para os profetas, os mesmos profetas que os antepassados de vocês mataram. Com isso vocês mostram que concordam com o que os seus antepassados fizeram, pois eles mataram os profetas, e vocês fazem túmulos para eles.

Por isso a Sabedoria de Deus disse: “Mandarei para eles profetas e mensageiros, e eles matarão alguns e perseguirão outros.”

Por causa disso esta gente de hoje será castigada pela morte de todos os profetas assassinados desde a criação do mundo,

começando pela morte de Abel até a morte de Zacarias, que foi assassinado entre o altar e o Lugar Santo. Sim, eu afirmo a vocês que o povo de hoje será castigado por todos esses crimes.

— Ai de vocês, mestres da Lei! Pois guardam **a chave** que abre **a porta** da casa da Sabedoria. E assim nem vocês mesmos entram, nem deixam os outros entrarem.

Quando Jesus saiu dali, os mestres da Lei e os fariseus começaram a criticá-lo com raiva e a lhe fazer perguntas sobre muitos assuntos. (Lc. 11:37- 53)

No excerto acima os dêiticos temporal e pessoal **Quando Jesus acabou de orar e ele, dele** nos indicam o contexto nos quais os ensinamentos por parábolas foram inseridos. Jesus fora convidado para jantar na casa de um fariseu. Lá, Jesus fora indagado sobre sua posição à mesa, uma vez que não havia lavado as mãos antes de comer. O interessante para nós é perceber que, apesar de Jesus estar perante as pessoas mais importantes para o povo daquela época, sua fala não é muito polida, chegando até, muitas vezes, ser grosseira.

Nesse contexto observamos através dos dêiticos sociais **mestre e vocês** que os papéis sociais se configuram como Jesus na posição superior e os fariseus, inferior. Jesus se refere aos fariseus começando sua exemplificação por “Ai de vocês fariseus!”. Através dessa sentença ilocucionária expressiva, pois exprime um sentimento de indignação e ameaça, Jesus criticava os fariseus, porque esses

representantes da elite religiosa desprezavam os preceitos mais importantes dos mandamentos de Deus e se preocupavam em manter as aparências perante o povo. À luz da Pragmática, poderíamos dizer que tal sentença representaria um ato ilocucionário expressivo, cujo propósito é demonstrar o estado psicológico do locutor.

Jesus adotou o método de explicar por parábolas quer ao se dirigir aos discípulos, quer aos fariseus, seus inimigos, a fim de convencer àqueles e condenar estes. Assim, os referentes **chave** e **porta** construídos inferencialmente por associação, denotam como os fariseus e os escribas haviam falhado como intérpretes da lei.

Diante do exposto, gostaríamos de destacar que uma das potenciais vantagens do presente estudo é apontar para o fato de que a construção de referentes no texto parabólico e, por conseguinte, a construção de sentidos, é um processo que envolve o conhecimento do “todo do texto”. Isso porque, nesse processo, são observados os aspectos contextuais e cotextuais do texto escrito como também os aspectos inerentes à discursivização das parábolas.

Assim, entendemos que as funções referenciais nos auxiliaram a compreender as estratégias de referenciação, entendidas, aqui, como formas estratégicas no processamento discursivo realizado por Cristo, através das parábolas.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o propósito de investigarmos os processos de referência inerentes às parábolas bíblicas, realizamos neste trabalho uma análise que buscou observar a construção argumentativa de Jesus nas parábolas. Para tanto, fomos buscar nos postulados teóricos da Linguística Textual e da Pragmática os fundamentos básicos necessários para nossa pesquisa.

Entendemos que para observarmos as estratégias de referência das parábolas de forma que contemplasse a relação do locutor e interlocutores e orientação argumentativa de Cristo, foi-nos necessário observar também todo o ato enunciativo que integra a parábola, justificando, portanto, a interface textual-pragmática. Como visto no capítulo 2, os atos ilocucionários mais característicos das parábolas são os **diretivos**, que aparecem comumente como perguntas na parte final da narrativa como em “— Por que é que você vê o cisco que está no olho do seu irmão e não repara na trave de madeira que está no seu próprio olho?” (Lc. 6:41) categorizando a avaliação; como aviso: “A mesma medida que usarem para medir os outros Deus usará para medir vocês; **os assertivos** que aparecem em proposições como: “Eu afirmo a vocês meus amigos: não tenham medo daqueles que matam o corpo, mas depois não podem fazer mais nada[...]” (Lc. 12:4). Dessa forma entendemos, que a configuração típica dos atos de fala nas parábolas representa as condições de “felicidade” para a realização de tais atos. Assim, o contexto de realização das parábolas, os tipos de interlocutores (ouvintes e leitores), o papel social que Jesus representa, são alguns elementos que possibilitam a satisfação dessas condições de felicidade de um ato realizado.

Essa relação também nos facilitou ver e classificar os diferentes motivos de realização das parábolas jesuísticas: didáticas, evangelísticas e proféticas de juízo. Sendo que as **didáticas** foram às parábolas proferidas aos discípulos e multidão sem a presença dos mestres da lei e fariseus; as **evangelísticas**, dependendo do contexto foram proferidas para qualquer tipo de interlocutor, mas sua simbologia requeria um maior esforço deste para entendê-la; e **as proféticas de juízo**, para a multidão, mas na presença dos mestres da lei e fariseus, que procuravam ter motivos para prender Jesus.



Dessa forma, trilhamos um percurso que se iniciou pela discussão sobre referenciação, conceituando, definindo e apresentado exemplos sobre o tema que norteou a fundamentação teórica do trabalho, passando brevemente pelas postulações teóricas sobre os atos de fala, até chegarmos às análises que contêm os dados teóricos outrora investigados no gênero parábola. Ressaltamos que o gênero parábola nos possibilitou ver instâncias específicas das funções referenciais nesse modelo textual, que contribuem no entendimento da construção argumentativa de Cristo. Acreditamos que o locutor, ao realizar as escolhas: do léxico dos referentes, das metáforas, das rotulações metadiscursivas ou metalinguísticas, dos termos construídos por associação, não as faz aleatoriamente; entretanto estas são usadas em função do que pretendia dizer.

Então, podemos constatar a importância de um estudo da referenciação em diferentes gêneros como o da parábola, trazendo contribuições para as pesquisas da Linguística do Texto atuais. Percebemos que os estudos no âmbito textual ainda carecem de análises em outros gêneros para se observar como os objetos de discurso interferem na construção de sentido do texto.

Por fim, nossas análises justificam a importância das estratégias referenciais na construção textual de sentidos do texto, pois auxiliam a entender o que foi dito e aparece explicitamente no cotexto, como implícitamente no contexto das parábolas.

Cabe assinalar que não é do nosso desejo esgotar o assunto por nós retratado, ainda mais com os possíveis horizontes que o gênero parábola bíblica pode alcançar. Desse modo, entendemos que esta pesquisa foi um estudo de caso, que buscou focalizar, através dos estudos textuais e pragmáticos, um entendimento do texto bíblico. Assim, gostaríamos de deixar em suspenso para uma posterior investigação, um estudo da referenciação na construção de sentido em parábolas bíblicas focalizando o papel social de Jesus para a interpretação desses textos. Dessa forma, poder-se-ia também realizar um estudo concebendo a relação Linguística Textual e Pragmática, todavia tendo como foco a polidez.

## 8. REFERÊNCIAS:

- ACADEMIA Brasileira de Letras. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2008.
- ADAM, Jean – Michel; REVAZ, Françoise. **A análise da narrativa**. (Tradução de Maria Adelaide Coelho e Maria de Fátima Aguiar). Lisboa: Gradiva, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. 2. ed. revista e aumentada – São Paulo: Cortez, 2011.
- APOTHÉLOZ, Denis; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José (1995), **Construction de la référence et stratégies de désignation**. In: BERRENDONNER, Alain; REICHLER- BÉGUELIN, Marie-José (Org.). *Du Sintagme Nominal aux Objetsde-Discours*. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 1995. p. 227-271.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BÍBLIA SAGRADA. **Nova Tradução na Linguagem de Hoje**. Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
- BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade**. 4ª . ed. São Paulo, Cultrix, 1995.
- BRONCKART, J.-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: Educ, 1999.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Expressões referenciais – uma proposta classificatória**. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.44, p. 105 – 118, jan/jun 2003.
- \_\_\_\_\_. **Referenciação: Sobre Coisas Ditas e Não Ditas**. Fortaleza: UFC, 2011.
- COMFORT, Philip Wesley. **A origem da Bíblia**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.
- GONÇALVES, J. B. C. G. **Poder e afeto nas narrativas bíblicas: uma análise da construção do ethos discursivo nas parábolas contadas por Jesus**. 350f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006.
- GUIMARÃES, Eduardo R. J. Sobre alguns caminhos da Pragmática. In: **Sobre Pragmática**. *Revista Faculdades Integradas de Uberaba – FIUBE, Série Estudos – 9*, 1983, p. 15-28.

JUBRAN, Clélia A. S. **Especificidades da referenciação metadiscursiva**. In: Koch, Ingedore G.V.; Morato, E.M.; Bentes, A.C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 219-242.

KOCH, I. G. V. **Estratégias Pragmáticas de Processamento Textual**. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas: (30): 35-42, Jan./Jun. 1996.

\_\_\_\_ & MARCUSCHI, L. A. **Processo de referenciação na produção discursiva**. DELTA, 14: 169-190 (número especial), 1998.

\_\_\_\_. A Referenciação como Atividade Cognitiva-Discursiva e Interacional. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas: (41): 75-89, Jul./Dez. 2001.

\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_. **Introdução à Lingüística Textual: Trajetória e grandes temas**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_. **Como se constroem e reconstroem os objetos-de-discurso**. Investigações. v. 21, p. 99-114, 2008. Disponível em: [http://www.ufpe.br/pgletras/Investigacoes/Volumes/Vol.21.2/Ingedore\\_Koch.pdf](http://www.ufpe.br/pgletras/Investigacoes/Volumes/Vol.21.2/Ingedore_Koch.pdf), acesso em 15/abr./2014.

LIMA, S. M. C. **Recategorização metafórica e humor: trabalhando a construção dos sentidos**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

LINS, M. P. ; GONÇALVES, L. S. **O humor como discurso de prevenção: o cartum sob ótica da pragmática**. Vitória: UFES, 2012.

LOCYER, Herbert. **Todas as parábolas da bíblia**. São Paulo: Vida, 1999.

MARCUSCHI, L. A. **Atos de Referenciação na Interação Face a Face**. Campinas: Cad. Est. Ling., Jul/Dez 2001, p. 37-54.

\_\_\_\_. O léxico: lista, rede ou cognição social? In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta (Org.). **Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 263-284.

MEURER, J. L; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (Org). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTI, M. M; RODRIGUES, B. B; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-51.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 1996.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Élia. **As grandes teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática**. Tradução Rosário Gregolin et al. São Carlos: Clara Luz, 2006.

SANT'ANNA, Marco Antônio D. **O gênero da parábola**. São Paulo: UNESP, 2010.

SEARLE, J.R. **The classification of illocutionary acts**. Language in society. vol. 5, núm.1 (1976), p. 1-24.

VAN DIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação**. (Org. e apresentação de Ingedore V. Koch). 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

WILSON, Victória. **Motivações pragmáticas**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo.(Org.). **Manual de linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 90-109.

## 9. ANEXOS

### Textos citados no capítulo 2

#### Parábola “O semeador” Mt. 13:1-9

**13.1** Naquele mesmo dia Jesus saiu de casa, foi para a beira do lago da Galiléia, sentou-se ali e começou a ensinar.

**13.2** A multidão que se ajuntou em volta dele era tão grande, que ele entrou num barco e sentou-se; e o povo ficou em pé na praia.

**13.3** Jesus usou parábolas para ensinar muitas coisas. Ele disse: — Escutem! Certo homem saiu para semear.

**13.4** Quando estava espalhando as sementes, algumas caíram na beira do caminho, e os passarinhos comeram tudo.

**13.5** Outra parte das sementes caiu num lugar onde havia muitas pedras e pouca terra. As sementes brotaram logo porque a terra não era funda.

**13.6** Mas, quando o sol apareceu, queimou as plantas, e elas secaram porque não tinham raízes.

**13.7** Outras sementes caíram no meio de espinhos, que cresceram e sufocaram as plantas.

**13.8** Mas as sementes que caíram em terra boa produziram na base de cem, de sessenta e de trinta grãos por um.

**13.9** E Jesus terminou, dizendo: — Se vocês têm ouvidos para ouvir, então ouçam.

#### Parábola “O semeador” Mc. 4:1-4

**4.1** Jesus começou a ensinar outra vez na beira do lago da Galiléia. A multidão que se ajuntou em volta dele era tão grande, que ele entrou e sentou-se num barco perto da praia, onde o povo estava.

**4.2** Jesus usava parábolas para ensinar muitas coisas. Ele dizia:

**4.3** — Escutem! Certo homem saiu para semear.

**4.4** E, quando estava espalhando as sementes, algumas caíram na beira do caminho, e os passarinhos comeram tudo.

#### Parábola “Os dois alicerces” Lc. 6: 46-49

**6.46** — Por que vocês me chamam “Senhor, Senhor” e não fazem o que eu digo?

**6.47** Eu vou mostrar a vocês com quem se parece a pessoa que vem e ouve a minha mensagem e é obediente a ela.

**6.48** Essa pessoa é como um homem que, quando construiu uma casa, cavou bem fundo e pôs o alicerce na rocha. O rio ficou cheio, e as suas águas bateram contra aquela casa; porém ela não se abalou porque havia sido bem construída.

**6.49** Mas quem ouve a minha mensagem e não é obediente a ela é como o homem que construiu uma casa na terra, sem alicerce. Quando a água bateu contra aquela casa, ela caiu logo e ficou totalmente destruída.

#### Parábola “O semeador” Lc. 8: 4-8

**8.4** Uma grande multidão, vinda de várias cidades, veio ver Jesus. Quando todos estavam reunidos, ele contou esta parábola:

**8.5** — Certo homem saiu para semear. E, quando estava espalhando as sementes, algumas caíram na beira do caminho, onde foram pisadas pelas pessoas e comidas pelos passarinhos.

**8.6** Outras sementes caíram num lugar onde havia muitas pedras, e, quando começaram a brotar, as plantas secaram porque não havia umidade.

**8.7** Outra parte caiu no meio de espinhos, que cresceram junto com as plantas e as sufocaram.

**8.8** Mas algumas sementes caíram em terra boa. As plantas cresceram e produziram cem grãos para cada semente. E Jesus terminou, dizendo: — Quem quiser ouvir, que ouça!

### **“Os lavradores maus” Mc. 12:1-12**

**12.1** Depois Jesus começou a falar por meio de parábolas. Ele disse: — Certo homem fez uma plantação de uvas e pôs uma cerca em volta dela. Construiu um tanque para pisar as uvas e fazer vinho e construiu uma torre para o vigia. Em seguida, arrendou a plantação para alguns lavradores e foi viajar.

**12.2** Quando chegou o tempo da colheita, o dono enviou um empregado para receber a sua parte.

**12.3** Mas os lavradores agarraram o empregado, bateram nele e o mandaram de volta sem nada.

**12.4** O dono mandou mais um empregado, mas eles bateram na cabeça dele e o trataram de um modo vergonhoso.

**12.5** E ainda outro foi mandado para lá, mas os lavradores o mataram. E o mesmo aconteceu com muitos mais — uns foram surrados, e outros foram mortos.

**12.6** E agora a única pessoa que o dono da plantação tinha para mandar lá era o seu querido filho. Finalmente ele o mandou, pensando assim: “O meu filho eles vão respeitar.”

**12.7** Mas os lavradores disseram uns aos outros: “Este é o filho do dono; ele vai herdar a plantação. Vamos matá-lo, e a plantação será nossa.”

**12.8** — Então agarraram o filho, e o mataram, e jogaram o corpo para fora da plantação.

**12.9** Aí Jesus perguntou: — E agora, o que é que o dono da plantação vai fazer? Ele virá, matará aqueles homens e entregará a plantação a outros lavradores.

**12.10** Vocês não leram o que as Escrituras Sagradas dizem? “A pedra que os construtores rejeitaram veio a ser a mais importante de todas.

**12.11** Isso foi feito pelo Senhor e é uma coisa maravilhosa!”

**12.12** Os líderes judeus sabiam que a parábola era contra eles e quiseram prender Jesus, mas tinham medo do povo. Por isso deixaram Jesus em paz e foram embora.

## **Textos citados nos capítulos 5 e 6**

### **I. “Os falsos profetas” Mt. 7: 15-20**

**7.15** — Cuidado com os falsos profetas! Eles chegam disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos selvagens.

**7.16** Vocês os conhecerão pelo que eles fazem. Os espinheiros não dão uvas, e os pés de urtiga não dão figos.

**7.17** Assim, toda árvore boa dá frutas boas, e a árvore que não presta dá frutas ruins.

**7.18** A árvore boa não pode dar frutas ruins, e a árvore que não presta não pode dar frutas boas.

**7.19** Toda árvore que não dá frutas boas é cortada e jogada no fogo.

**7.20** Portanto, vocês conhecerão os falsos profetas pelas coisas que eles fazem.

### **II. “Jesus e o homem da mão aleijada” Mt. 12: 9-14**

**12.9** Jesus saiu dali e foi para uma sinagoga.

**12.10** Estava ali um homem que tinha uma das mãos aleijada. Então algumas pessoas que queriam acusar Jesus de desobedecer à Lei lhe perguntaram: — É contra a nossa Lei curar no sábado?

**12.11** Jesus respondeu: — Se um de vocês tiver uma ovelha, e no sábado ela cair num buraco, será que ele não vai fazer tudo para tirá-la dali?

**12.12** Pois uma pessoa vale muito mais do que uma ovelha. Portanto, a nossa Lei permite ajudar os outros no sábado.

**12.13** E disse para o homem: — Estenda a mão! Ele estendeu, e ela sarou e ficou igual à outra.

**12.14** Então os fariseus que estavam ali saíram e começaram a fazer planos para matar Jesus.

### III. “Os lavradores maus” (Lc. 20:9).

— Certo homem fez uma plantação de uvas e pôs uma cerca em volta dela. Construiu um tanque para pisar as uvas e fazer vinho e construiu uma torre para o vigia. Em seguida, arrendou a plantação para alguns lavradores e foi viajar.

### IV. e VI “Deus e as riquezas” Mt. 6: 24-34

**6.24** — Um escravo não pode servir a dois donos ao mesmo tempo, pois vai rejeitar um e preferir o outro; ou será fiel a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e também servir ao dinheiro.

**6.25** — Por isso eu digo a vocês: não se preocupem com a comida e com a bebida que precisam para viver nem com a roupa que precisam para se vestir. Afinal, será que a vida não é mais importante do que a comida? E será que o corpo não é mais importante do que as roupas?

**6.26** Vejam os passarinhos que voam pelo céu: eles não semeiam, não colhem, nem guardam comida em depósitos. No entanto, o Pai de vocês, que está no céu, dá de comer a eles. Será que vocês não valem muito mais do que os passarinhos?

**6.27** E nenhum de vocês pode encompridar a sua vida, por mais que se preocupe com isso.

**6.28** — E por que vocês se preocupam com roupas? Vejam como crescem as flores do campo: elas não trabalham, nem fazem roupas para si mesmas.

**6.29** Mas eu afirmo a vocês que nem mesmo Salomão, sendo tão rico, usava roupas tão bonitas como essas flores.

**6.30** É Deus quem veste a erva do campo, que hoje dá flor e amanhã desaparece, queimada no forno. Então é claro que ele vestirá também vocês, que têm uma fé tão pequena!

**6.31** Portanto, não fiquem preocupados, perguntando: “Onde é que vamos arranjar comida?” ou “Onde é que vamos arranjar bebida?” ou “Onde é que vamos arranjar roupas?”

**6.32** Pois os pagãos é que estão sempre procurando essas coisas. O Pai de vocês, que está no céu, sabe que vocês precisam de tudo isso.

**6.33** Portanto, ponham em primeiro lugar na sua vida o Reino de Deus e aquilo que Deus quer, e ele lhes dará todas essas coisas.

**6.34** Por isso, não fiquem preocupados com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã trará as suas próprias preocupações. Para cada dia bastam as suas próprias dificuldades.

### V. “A bondade de Deus” Mt. 7: 7-12

**7.7** — Peçam e vocês receberão; procurem e vocês acharão; batam, e a porta será aberta para vocês.

**7.8** Porque todos aqueles que pedem recebem; aqueles que procuram acham; e a porta será aberta para quem bate.

**7.9** Por acaso algum de vocês, que é pai, será capaz de dar uma pedra ao seu filho, quando ele pede pão?

**7.10** Ou lhe dará uma cobra, quando ele pede um peixe?

**7.11** Vocês, mesmo sendo maus, sabem dar coisas boas aos seus filhos. Quanto mais o Pai de vocês, que está no céu, dará coisas boas aos que lhe pedirem!

**7.12** — Façam aos outros o que querem que eles façam a vocês; pois isso é o que querem dizer a Lei de Moisés e os ensinamentos dos Profetas.

## **VI. (Ver em IV).**

### **VII. “Jesus e a tradição judaica” Mt. 15: 12-14**

**15.12** Então os discípulos chegaram perto dele e disseram: — Sabe que os fariseus ficaram escandalizados com o que o senhor disse?

**15.13** Jesus respondeu: — Toda planta que o meu Pai, que está no céu, não plantou será arrancada.

**15.14** Não se preocupem com os fariseus. São guias cegos. E, quando um cego guia outro, os dois acabam caindo num buraco.

### **VIII. “A viúva e o juiz” Lc. 18: 1-8**

**18.1** Jesus contou a seguinte parábola, mostrando aos discípulos que deviam orar sempre e nunca desanimar:

**18.2** — Em certa cidade havia um juiz que não temia a Deus e não respeitava ninguém.

**18.3** Nessa cidade morava uma viúva que sempre o procurava para pedir justiça, dizendo: “Ajude-me e julgue o meu caso contra o meu adversário!”

**18.4** — Durante muito tempo o juiz não quis julgar o caso da viúva, mas afinal pensou assim: “É verdade que eu não temo a Deus e também não respeito ninguém.

**18.5** Porém, como esta viúva continua me aborrecendo, vou dar a sentença a favor dela. Se eu não fizer isso, ela não vai parar de vir me amolar até acabar comigo.”

**18.6** E o Senhor continuou: — Prestem atenção naquilo que aquele juiz desonesto disse.

**18.7** Será, então, que Deus não vai fazer justiça a favor do seu próprio povo, que grita por socorro dia e noite? Será que ele vai demorar para ajudá-lo?

**18.8** Eu afirmo a vocês que ele julgará a favor do seu povo e fará isso bem depressa. Mas, quando o Filho do Homem vier, será que vai encontrar fé na terra?

### **IX. “O quão difícil é seguir Jesus” Mt. 8: 18-22**

**8.18** Jesus viu a multidão em volta dele e mandou os discípulos irem para o lado leste do lago.

**8.19** Um mestre da Lei chegou perto dele e disse: — Mestre, estou pronto a seguir o senhor para qualquer lugar aonde o senhor for!

**8.20** Jesus respondeu: — As raposas têm as suas covas, e os pássaros, os seus ninhos. Mas o Filho do Homem não tem onde descansar.

**8.21** E outro, que era seguidor de Jesus, disse: — Senhor, primeiro deixe que eu volte e sepulte o meu pai.

**8.22** Jesus respondeu: — Venha comigo e deixe que os mortos sepultem os seus mortos.

### **X. “O pedido de um milagre” Mt. 12: 38-42**

**12.38** Então alguns mestres da Lei e alguns fariseus disseram a Jesus: — Mestre, queremos ver o senhor fazer um milagre.

**12.39** Jesus respondeu: — Como as pessoas de hoje são más e sem fé! Vocês estão me pedindo que faça um milagre, mas o milagre do profeta Jonas é o único sinal que lhes será dado.



**12.40** Porque assim como Jonas ficou três dias e três noites dentro de um grande peixe, assim também o Filho do Homem ficará três dias e três noites no fundo da terra.

**12.41** No Dia do Juízo o povo de Nínive vai se levantar e acusar vocês, pois eles se arrependeram dos seus pecados quando ouviram a pregação de Jonas. E eu afirmo que o que está aqui é mais importante do que Jonas.

**12.42** No Dia do Juízo a Rainha de Sabá vai se levantar e acusar vocês, pois ela veio de muito longe para ouvir os sábios ensinamentos de Salomão. E eu afirmo que o que está aqui é mais importante do que Salomão.

#### **XI. “A volta do espírito mau” Mt. 12: 43-45**

**12.43** Jesus continuou: — Quando um espírito mau sai de alguém, anda por lugares sem água, procurando onde descansar, mas não encontra.

**12.44** Então diz: “Vou voltar para a minha casa, de onde saí.” Aí volta e encontra a casa vazia, limpa e arrumada.

**12.45** Depois sai, vai buscar outros sete espíritos piores ainda, e todos ficam morando ali. Assim a situação daquela pessoa fica pior do que antes. E isso também acontecerá com esta gente má de hoje.

#### **XII. “Arrependimento ou morte” Lc. 13: 1-5**

**13.1** Naquela mesma ocasião algumas pessoas chegaram e começaram a comentar com Jesus como Pilatos havia mandado matar vários galileus, no momento em que eles ofereciam sacrifícios a Deus.

**13.2** Então Jesus disse: — Vocês pensam que, se aqueles galileus foram mortos desse jeito, isso quer dizer que eles pecaram mais do que os outros galileus?

**13.3** De modo nenhum! Eu afirmo a vocês que, se não se arrependem dos seus pecados, todos vocês vão morrer como eles morreram.

**13.4** E lembrem daqueles dezoito, do bairro de Siloé, que foram mortos quando a torre caiu em cima deles. Vocês pensam que eles eram piores do que os outros que moravam em Jerusalém?

**13.5** De modo nenhum! Eu afirmo a vocês que, se não se arrependem dos seus pecados, todos vocês vão morrer como eles morreram.

#### **XIII. “O administrador desonesto” Lc. 16: 1-13**

**16.1** Jesus disse aos seus discípulos: — Havia um homem rico que tinha um administrador que cuidava dos seus bens. Foram dizer a esse homem que o administrador estava desperdiçando o dinheiro dele.

**16.2** Por isso ele o chamou e disse: “Eu andei ouvindo umas coisas a respeito de você. Agora preste contas da sua administração porque você não pode mais continuar como meu administrador.”

**16.3** — Aí o administrador pensou: “O patrão está me despedindo. E, agora, o que é que eu vou fazer? Não tenho forças para cavar a terra e tenho vergonha de pedir esmola.

**16.4** Ah! Já sei o que vou fazer... Assim, quando for mandado embora, terei amigos que me receberão nas suas casas.”

**16.5** — Então ele chamou todos os devedores do patrão e perguntou para o primeiro: “Quanto é que você está devendo para o meu patrão?”

**16.6** — “Cem barris de azeite!” — respondeu ele. O administrador disse: — “Aqui está a sua conta. Sente-se e escreva cinquenta.”

**16.7** — Para o outro ele perguntou: “E você, quanto está devendo?” — “Mil medidas de trigo!” — respondeu ele. — “Escreva oitocentas!” — mandou o administrador.

**16.8** — E o patrão desse administrador desonesto o elogiou pela sua esperteza. E Jesus continuou: — As pessoas deste mundo são muito mais espertas nos seus negócios do que as pessoas que pertencem à luz.

**16.9** Por isso eu digo a vocês: usem as riquezas deste mundo para conseguir amigos a fim de que, quando as riquezas faltarem, eles recebam vocês no lar eterno.

**16.10** Quem é fiel nas coisas pequenas também será nas grandes; e quem é desonesto nas coisas pequenas também será nas grandes.

**16.11** Pois, se vocês não forem honestos com as riquezas deste mundo, quem vai pôr vocês para tomar conta das riquezas verdadeiras?

**16.12** E, se não forem honestos com o que é dos outros, quem lhes dará o que é de vocês?

**16.13** — Um escravo não pode servir a dois donos ao mesmo tempo, pois vai rejeitar um e preferir o outro; ou será fiel a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e também servir ao dinheiro.

#### **XIV. “Os lavradores maus” Mt. 21:33-43**

**21.33** Jesus disse: — Escutem outra parábola: certo agricultor fez uma plantação de uvas e pôs uma cerca em volta dela. Construiu um tanque para pisar as uvas e fazer vinho e construiu uma torre para o vigia. Em seguida, arrendou a plantação para alguns lavradores e foi viajar.

**21.34** Quando chegou o tempo da colheita, o dono mandou alguns empregados a fim de receber a parte dele.

**21.35** Mas os lavradores agarraram os empregados, bateram num, assassinaram outro e mataram ainda outro a pedradas.

**21.36** Aí o dono mandou mais empregados do que da primeira vez. E os lavradores fizeram a mesma coisa.

**21.37** Depois de tudo isso, ele mandou o seu próprio filho, pensando: “O meu filho eles vão respeitar.”

**21.38** Mas, quando os lavradores viram o filho, disseram uns aos outros: “Este é o filho do dono; ele vai herdar a plantação. Vamos matá-lo, e a plantação será nossa.”

**21.39** — Então agarraram o filho, e o jogaram para fora da plantação, e o mataram.

**21.40** Aí Jesus perguntou: — E agora, quando o dono da plantação voltar, o que é que ele vai fazer com aqueles lavradores?

**21.41** Eles responderam: — Com certeza ele vai matar aqueles lavradores maus e vai arrendar a plantação a outros. E estes lhe darão a parte da colheita no tempo certo.

**21.42** Jesus então perguntou: — Vocês não leram o que as Escrituras Sagradas dizem? “A pedra que os construtores rejeitaram veio a ser a mais importante de todas. Isso foi feito pelo Senhor e é uma coisa maravilhosa!”

**21.43** E Jesus terminou: — Eu afirmo a vocês que o Reino de Deus será tirado de vocês e será dado para as pessoas que produzem os frutos do Reino.

#### **XV. “O fermento” Mt. 13:33**

**13.33** Jesus contou mais esta parábola para o povo: — O Reino do Céu é como o fermento que uma mulher pega e mistura em três medidas de farinha, até que ele se espalhe por toda a massa.

**XVI. “O joio” Mt. 13: 24-30**

**13.24** Jesus contou outra parábola. Ele disse ao povo: — O Reino do Céu é como um homem que semeou sementes boas nas suas terras.

**13.25** Certa noite, quando todos estavam dormindo, veio um inimigo, semeou no meio do trigo uma erva ruim, chamada joio, e depois foi embora.

**13.26** Quando as plantas cresceram, e se formaram as espigas, o joio apareceu.

**13.27** Aí os empregados do dono das terras chegaram e disseram: “Patrão, o senhor semeou sementes boas nas suas terras. De onde será que veio este joio?”

**13.28** — “Foi algum inimigo que fez isso!”, respondeu ele. — E eles perguntaram: “O senhor quer que a gente arranque o joio?”

**13.29** — “Não”, respondeu ele, “porque, quando vocês forem tirar o joio, poderão arrancar também o trigo.

**13.30** Deixem o trigo e o joio crescerem juntos até o tempo da colheita. Então eu direi aos trabalhadores que vão fazer a colheita: ‘Arranquem primeiro o joio e amarrem em feixes para ser queimado. Depois colham o trigo e ponham no meu depósito.’ ”

**XVII. “O grão de mostarda” Mc. 4: 30-32**

**4.30** Jesus continuou: — Com o que podemos comparar o Reino de Deus? Que parábola podemos usar para isso?

**4.31** Ele é como uma semente de mostarda, que é a menor de todas as sementes.

**4.32** Mas, depois de semeada, cresce muito até ficar a maior de todas as plantas. E os seus ramos são tão grandes, que os passarinhos fazem ninhos entre as suas folhas.

**XVIII. “A ovelha perdida”. Lc. 15: 1-7**

**15.1** Certa ocasião, muitos cobradores de impostos e outras pessoas de má fama chegaram perto de Jesus para o ouvir.

**15.2** Os fariseus e os mestres da Lei criticavam Jesus, dizendo: — Este homem se mistura com gente de má fama e toma refeições com eles.

**15.3** Então Jesus contou esta parábola:

**15.4** — Se algum de vocês tem cem ovelhas e perde uma, por acaso não vai procurá-la? Assim, deixa no campo as outras noventa e nove e vai procurar a ovelha perdida até achá-la.

**15.5** Quando a encontra, fica muito contente e volta com ela nos ombros.

**15.6** Chegando à sua casa, chama os amigos e vizinhos e diz: “Alegrem-se comigo porque achei a minha ovelha perdida.”

**15.7** — Pois eu lhes digo que assim também vai haver mais alegria no céu por um pecador que se arrepende dos seus pecados do que por noventa e nove pessoas boas que não precisam se arrepender.

**XIX. “O hábito de julgar os outros” Lc. 6: 37-38**

**6.37** — Não julguem os outros, e Deus não julgará vocês. Não condenem os outros, e Deus não condenará vocês. Perdoem os outros, e Deus perdoará vocês.

**6.38** Dêem aos outros, e Deus dará a vocês. Ele será generoso, e as bênçãos que ele lhes dará serão tantas, que vocês não poderão segurá-las nas suas mãos. A mesma medida que vocês usarem para medir os outros Deus usará para medir vocês.

**XX. “O caniço e dos que trajam ricamente Mt. 11:1-15**

**11.1** Ora, tendo acabado Jesus de dar estas instruções a seus doze discípulos, partiu dali a ensinar e a pregar nas cidades deles.

**11.2** Quando João ouviu, no cárcere, falar das obras de Cristo, mandou por seus discípulos perguntar-lhe:

**11.3** És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?

**11.4** E Jesus, respondendo, disse-lhes: Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo:

**11.5** os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho.

**11.6** E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço.

**11.7** Então, em partindo eles, passou Jesus a dizer ao povo a respeito de João: Que saístes a ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento?

**11.8** Sim, que saístes a ver? Um homem vestido de roupas finas? Ora, os que vestem roupas finas assistem nos palácios reais.

**11.9** Mas para que saístes? Para ver um profeta? Sim, eu vos digo, e muito mais que profeta.

**11.10** Este é de quem está escrito: Eis aí eu envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho diante de ti.

**11.11** Em verdade vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista; mas o menor no reino dos céus é maior do que ele.

**11.12** Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele.

**11.13** Porque todos os Profetas e a Lei profetizaram até João.

**11.14** E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir.

**11.15** Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça.

## **XXI. “A impureza” Mt. 15: 10-15**

**15.10** Jesus chamou a multidão e disse: — Escutem e entendam!

**15.11** Não é o que entra pela boca que faz com que alguém fique impuro. Pelo contrário, o que sai da boca é que pode tornar a pessoa impura.

**15.12** Então os discípulos chegaram perto dele e disseram: — Sabe que os fariseus ficaram escandalizados com o que o senhor disse?

**15.13** Jesus respondeu: — Toda planta que o meu Pai, que está no céu, não plantou será arrancada.

**15.14** Não se preocupem com os fariseus. São guias cegos. E, quando um cego guia outro, os dois acabam caindo num buraco.

**15.15** Então Pedro pediu: — Explique para nós aquilo que o senhor disse antes.

## **XXII. “Os dois filhos” Mt. 21: 28-32**

**21.28** Jesus continuou: — E o que é que vocês acham disto? Certo homem tinha dois filhos. Ele foi falar com o mais velho e disse: “Filho, hoje você vai trabalhar na minha plantação de uvas.”

**21.29** — Ele respondeu: “Eu não quero ir.” Mas depois mudou de idéia e foi.

**21.30** — O pai foi e deu ao outro filho a mesma ordem. E este disse: “Sim, senhor.” Mas depois não foi.

**21.31** — Qual deles fez o que o pai queria? — perguntou Jesus. E eles responderam: — O filho mais velho. Então Jesus disse a eles: — Eu afirmo a vocês que isto é verdade: os cobradores de impostos e as prostitutas estão entrando no Reino de Deus antes de vocês.

**21.32** Pois João Batista veio para mostrar a vocês o caminho certo, e vocês não creram nele; mas os cobradores de impostos e as prostitutas creram. Porém, mesmo tendo visto isso, vocês não se arrependeram e não creram nele.

### **XXIII. “O dever do empregado” Lc. 17:7-10**

**17.7** Jesus disse: — Façam de conta que um de vocês tem um empregado que trabalha na lavoura ou cuida das ovelhas. Quando ele volta do campo, será que você vai dizer: “Venha depressa e sente-se à mesa”?

**17.8** Claro que não! Pelo contrário, você dirá: “Prepare o jantar para mim, ponha o avental e me sirva enquanto eu como e bebo. Depois você pode comer e beber.”

**17.9** Por acaso o empregado merece agradecimento porque obedeceu às suas ordens?

**17.10** Assim deve ser com vocês. Depois de fazerem tudo o que foi mandado, digam: “Somos empregados que não valem nada porque fizemos somente o nosso dever.”

### **XIV. “A vingança” Mt. 5:38-42**

**5.38** — Vocês ouviram o que foi dito: “Olho por olho, dente por dente.”

**5.39** Mas eu lhes digo: não se vinguem dos que fazem mal a vocês. Se alguém lhe der um tapa na cara, vire o outro lado para ele bater também.

**5.40** Se alguém processar você para tomar a sua túnica, deixe que leve também a capa.

**5.41** Se um dos soldados estrangeiros forçá-lo a carregar uma carga um quilômetro, carregue-a dois quilômetros.

**5.42** Se alguém lhe pedir alguma coisa, dê; e, se alguém lhe pedir emprestado, empreste.

### **XXV. “Cisno e da trave” Mt. 7: 3-5**

**7.3** Por que é que você vê o cisco que está no olho do seu irmão e não repara na trave de madeira que está no seu próprio olho?

**7.4** Como é que você pode dizer ao seu irmão: “Me deixe tirar esse cisco do seu olho”, quando você está com uma trave no seu próprio olho?

**7.5** Hipócrita! Tire primeiro a trave que está no seu olho e então poderá ver bem para tirar o cisco que está no olho do seu irmão.

### **XXVI. “Jesus, os fariseus e os mestres da lei” Lc. 11: 38-53**

Quando Jesus acabou de falar, um fariseu o convidou para jantar na casa dele. Jesus foi e sentou-se à mesa.

**11.38** O fariseu ficou admirado quando viu que Jesus não tinha se lavado antes de comer.

**11.39** Então o Senhor disse a ele: — Vocês, fariseus, lavam o copo e o prato por fora, mas por dentro vocês estão cheios de violência e de maldade.

**11.40** Seus tolos! Quem fez o lado de fora não é o mesmo que fez o lado de dentro?

**11.41** Portanto, dêem aos pobres o que está dentro dos seus copos e pratos, e assim tudo ficará limpo para vocês.

**11.42** — Ai de vocês, fariseus! Pois dão para Deus a décima parte até mesmo da hortelã, da arruda e de todas as verduras, mas não são justos com os outros e não amam a Deus. E são exatamente essas coisas que vocês devem fazer sem deixar de lado as outras.

**11.43** — Ai de vocês, fariseus! Pois gostam demais dos lugares de honra nas sinagogas e gostam de ser cumprimentados com respeito nas praças.

**11.44** — Ai de vocês! Pois são como sepulturas que não se vêem, sepulturas que as pessoas pisam sem perceber.

**11.45** Então um mestre da Lei disse a Jesus: — Mestre, falando assim, o senhor está nos ofendendo também.

**11.46** Jesus respondeu: — Ai de vocês também, mestres da Lei! Porque põem fardos tão pesados nas costas dos outros, que eles quase não podem agüentar. Mas vocês mesmos não ajudam, nem ao menos com um dedo, essas pessoas a carregar esses fardos.

**11.47** Ai de vocês! Pois fazem túmulos bonitos para os profetas, os mesmos profetas que os antepassados de vocês mataram.

**11.48** Com isso vocês mostram que concordam com o que os seus antepassados fizeram, pois eles mataram os profetas, e vocês fazem túmulos para eles.

**11.49** Por isso a Sabedoria de Deus disse: “Mandarei para eles profetas e mensageiros, e eles matarão alguns e perseguirão outros.”

**11.50** Por causa disso esta gente de hoje será castigada pela morte de todos os profetas assassinados desde a criação do mundo,

**11.51** começando pela morte de Abel até a morte de Zacarias, que foi assassinado entre o altar e o Lugar Santo. Sim, eu afirmo a vocês que o povo de hoje será castigado por todos esses crimes.

**11.52** — Ai de vocês, mestres da Lei! Pois guardam a chave que abre a porta da casa da Sabedoria. E assim nem vocês mesmos entram, nem deixam os outros entrarem.

**11.53** Quando Jesus saiu dali, os mestres da Lei e os fariseus começaram a criticá-lo com raiva e a lhe fazer perguntas sobre muitos assuntos.